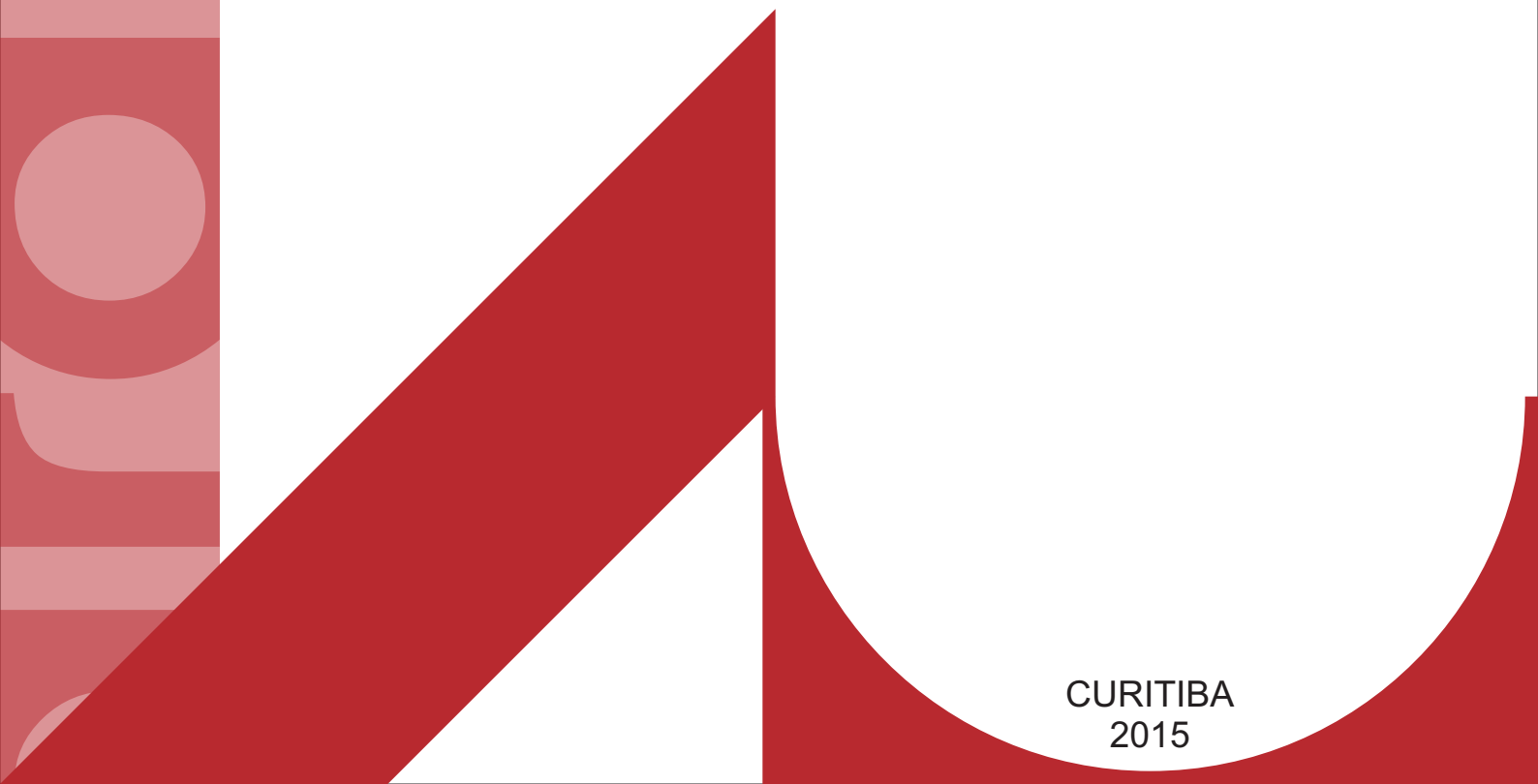


DANIEL IANCK PALHETA

**REQUALIFICAÇÃO DOS
ESPAÇOS LIVRES
PÚBLICOS NA
REGIONAL BOQUEIRÃO**
A INTEGRAÇÃO DOS JARDINS
COMUNITÁRIOS NO
SISTEMA DE ESPAÇOS
LIVRES PÚBLICOS.

Tema Final de Graduação
Curso de Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Paraná

Prof. Orientador: Prof. Dr. Paulo Chiesa



CURITIBA
2015



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE TECNOLOGIA
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO



DANIEL IANCK PALHETA

**REQUALIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS LIVRES
PÚBLICOS NA REGIONAL BOQUEIRÃO:**

**A INTEGRAÇÃO DOS JARDINS COMUNITÁRIOS
NO SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS.**

CURITIBA

2015

DANIEL IANCK PALHETA

**REQUALIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS LIVRES
PÚBLICOS NA REGIONAL BOQUEIRÃO:**

**A integração dos jardins comunitários
no sistema de espaços livres públicos.**

Monografia apresentada à disciplina
Orientação de Pesquisa (TA059) como
requisito parcial para a conclusão do
curso de graduação em Arquitetura e
Urbanismo, Setor de Tecnologia, da
Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Chiesa

FOLHA DE APROVAÇÃO

Orientador:

Prof. Dr. Paulo Chiesa:

Examinador (a):

Examinador (b):

Monografia aprovada e deferida em:

Curitiba, _____.

Agradeço a todos que me ajudaram a chegar de alguma maneira na conclusão desse trabalho. Ao meu orientador Paulo Chiesa, pelo incentivo e paciência em todas as assessorias. À minha família, por todo o investimento na minha educação, em especial à minha mãe Maria Sonia, sem ela essa pesquisa não seria possível. Aos meus amigos que me acompanharam pela graduação compartilhando descobertas e anseios, em especial aos meus amigos Graziella, Vívian, Jéssika, Beatris, Astrid, Louise, Marina, Heloísa, Caio e Eduardo que me acompanharam nessa etapa. Aos meus amigos de longa data Érica, Josilene, Juliana e Saritha por todo o apoio em todos os anos de amizade e companheirismo.

RESUMO

PALHETA, D. I. Expansão e Requalificação dos Espaços Livres Público na Regional Boqueirão: a integração dos jardins comunitários no sistema de espaços livres públicos. 2015. Xx p. Monografia (Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Paraná, Brasil.

A partir de uma análise da situação dos espaços livres públicos na Regional Boqueirão em Curitiba - Paraná constatou-se o abandono de parte desses espaços por parte da população e do poder público. Diante dessa problemática é proposta uma rearticulação do sistema de espaços livres públicos visando uma melhor integração com a população, meio urbano e a paisagem curitibana. O novo sistema tem como foco os pequenos espaços livres públicos ou jardinetes, é proposta, nesses espaços, uma nova configuração de maior participação popular e integração com a cidade. A partir do estudo dessa tipologia paisagística é proposta uma readequação para os assim chamados jardins comunitários, vistos como solução para os “espaços esquecidos” dentro da Regional Boqueirão. Almeja-se com essa pesquisa formular diretrizes norteadoras para o Projeto Final de Graduação, constituído de uma proposta de requalificação dos espaços livres públicos na Regional Boqueirão através da implementação e projeto de jardins comunitários.

Palavras chave: jardins comunitários, sistema de espaços livres públicos, regional boqueirão.

ABSTRACT

PALHETA, D. I. Expansion and Refurbishment of the Public Spaces in Boqueirão: integration of Regional Community gardens in the system of free public spaces. 2015. Xx p. Monography (architecture and urbanism) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Paraná, Brazil.

From analysis of the situation of the free public spaces in Regional Boqueirão situated in Curitiba-Paraná, it was found that these places have been abandoned from both sides, part of these spaces by the population and other part by the Government. From this issue is proposed a rearticulation of the free public spaces system aiming at a better integration with the population, urban habitat and landscape in Curitiba. The new system is focused on the small open spaces or public *jardinetes*, it is proposed in these spaces a new configuration of greater popular participation and integration with the city. From the study of this landscape typology it is proposed a readjustment for the so-called community gardens, seen as a solution to the "forgotten spaces" of the Regional Boqueirão. This research aims to formulate guidelines for the Graduation Final Project, consisting of a proposal for reclassification of free public spaces in Regional Boqueirão, implementation and community gardens project.

Key words: community gardens, free public spaces system, regional boqueirão.

LISTA DE FIGURAS

1	JOHN CONSTABLE; VIEW OF SALISBURY; 1820; ÓLEO SOBRE TELA (35X51CM).	16
2	CLAUDE MONET; SAINT-GEORGES MAJEUR AU CRÉPUSCULE; 1908–1912; ÓLEO SOBRE TELA (65.2X92.4CM).	17
3	RELAÇÃO DO ESPAÇO EDIFICADO COM O ESPAÇO LIVRE NA CIDADE DE NOVA YORK, WILL EISNER.	19
4	PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.	25
5	ÁREA ANTES DA INTERVENÇÃO	26
6	COMUNIDADE E VOLUNTÁRIOS REUNIDOS PARA A TRANSFORMAÇÃO DA ÁREA.	26
7	RESULTADO DA INTERVENÇÃO NA ÁREA.	27
8	FOTO DO JARDIM COMUNITÁRIO CAJUEIRO DA 13 MANAUS.	30
9	FOTO DO REV. LINNETTE C. WILLIAMSON MEMORIAL PARK EM NOVA IORQUE.	31
10	FOTO DO PALEY PARK EM NOVA IORQUE	32
11	FOTO DO PRACINHA DA OSCAR FREIRE	33
12	IMAGEM DA LOCALIZAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ EM RELAÇÃO AO BRASIL E A LOCALIZAÇÃO DE CURITIBA EM RELAÇÃO AO ESTADO DO PARANÁ.	34
13	CROQUI DO PERFIL DA COMPARTIMENTAÇÃO GEOMORFOLÓGICA DO ESTADO DO PARANÁ (E-W) SEGUNDO MAACK (1968).	35
14	VISTA AÉREA DA CIDADE DE CURITIBA.	36
15	MAPA DA DIVISÃO TERRITORIAL DAS REGIONAIS DE CURITIBA, EM DESTAQUE A REGIONAL BOQUEIRÃO.	38
16	MAPA DA DIVISÃO TERRITORIAL DOS BAIRROS DA REGIONAL BOQUEIRÃO.	40
17	MAPA DE DENSIDADE DEMOGRÁFICA POR SETORES CENSITÁRIOS DA REGIONAL BOQUEIRÃO – 2010.	43
18	MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE SAÚDE E EDUCAÇÃO NA REGIONAL BOQUEIRÃO – 2010.	44
19	TRANSPORTE PÚBLICO POR LINHAS DE TRANSPORTE, TERMINAIS E ESTAÇÕES TUBO E POR ÁREA DE ABRANGÊNCIA (250 METROS) – REGIONAL BOQUEIRÃO – 2012.	46

20	ZONEAMENTO - REGIONAL BOQUEIRÃO.	49
21	MAPA DE TIPOS DE OCUPAÇÃO NA REGIONAL BOQUEIRÃO.	52
22	MAPA DE ÁREAS VERDES NA REGIONAL BOQUEIRÃO	55
23	VISTA AÉREA DA CIDADE DO MÉXICO.	57
24	MAPA DA LOCALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DA CIDADE DO MÉXICO.	59
25	CRITÉRIOS DE ESCOLHA DE TERRENO PARA UM PARQUE PÚBLICO DE BOLSILLO, CIDADE DO MÉXICO.	60
26	PARQUE PÚBLICO DE BOLSILLO COYOACÁN, CIDADE DO MÉXICO.	61
27	PARQUE PÚBLICO DE BOLSILLO ZÓCALO CENTRAL, CIDADE DO MÉXICO.	61
28	VISTA AÉREA DA CIDADE DE SEATTLE, ESTADOS UNIDOS.	62
29	VISTA AÉREA COM DESTAQUE AO CASCADE P-PATCH SEATTLE, ESTADOS UNIDOS.	63
30	VISTA AÉREA DO CASCADE P-PATCH SEATTLE, ESTADOS UNIDOS.	64
31	CASCADE P-PATCHVISTA DOS CANTEIROS DE PLANTIO E AO FUNDO O “TAMBORES DE COMPOSTAGEM”.	65
32	CASCADE P-PATCHVISTA VISTA DO PORTAL DE ENTRADA.	66
33	VISTA AÉREA, COM DESTAQUE O LOCAL ONDE HOJE SE ENCONTRA A PRAÇA DE BOLSO DO CICLISTA.	67
34	FOTO DO DIA DE INAUGURAÇÃO DA PRAÇA DE BOLSO DO CICLISTA.	68
35	FOTO DA FEIRA DE ORGÂNICOS NA PRAÇA DE BOLSO DO CICLISTA.	68
36	FOTO SHOW NA PRAÇA DE BOLSO DO CICLISTA.	69
37	MAPA DE ÁREAS POSSÍVEIS PARA IMPLANTAÇÃO DOS JARDINS COMUNITÁRIOS NA REGIONAL BOQUEIRÃO.	72
38	VISTA AÉREA DO JARDINETE ZENILDA FANINI SCHIER.	73
39	FOTOS DO JARDINETE ZENILDA FANINI SCHIER.	74
40	VISTA AÉREA DO JARDINETE TEM. MANUEL GOMES DE BRITTO.	75
41	FOTOS DO JARDINETE TEM. MANUEL GOMES DE BRITTO	75

42	VISTA AÉREA DO CONJUNTO DE JARDINETES CEL. BENOT P. CIDREIRA, DR. LUISNEI R. DA SILVA E PRAÇA JOSÉ ARAÚJO FILHO.	76
43	FOTOS DO CONJUNTO DE JARDINETES CEL. BENOT P. CIDREIRA, DR. LUISNEI R. DA SILVA E PRAÇA JOSÉ ARAÚJO FILHO.	77
44	VISTA AÉREA DO JARDINETE.	77
45	FOTOS DO JARDINETE.	78
46	FOTOS DO JARDINETE.	78
47	VISTA AÉREA DO JARDINETE.	79

LISTA DE QUADROS

TABELA 01	70
-----------	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. DELIMITAÇÃO DO TEMA	13
2.1. OBJETIVOS	13
2.1.1. Objetivo geral	13
2.1.2. Objetivo específico	13
2.2. JUSTIFICATIVA	14
3. CONCEITUAÇÃO TEÓRICA	15
3.1. A PAISAGEM URBANA	15
3.2 O ESPAÇO LIVRE PÚBLICO	17
3.3 SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS	20
3.4 PEQUENOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS OU JARDINETES	24
3.4.1. Jardins comunitários	27
3.4.2. Pocket parks	30
3.4.3. Considerações finais	33
4. LEITURA DA REALIDADE	34
4.1. A CIDADE DE CURITIBA	34
4.2. CURITIBA E SUAS REGIONAIS	36
4.3. REGIONAL BOQUEIRÃO	39
4.3.1. Caracterização territorial	39
4.3.2. Caracterização histórica	41
4.3.3. Caracterização populacional	42
4.3.4. Caracterização da infraestrutura e equipamentos públicos	43
4.3.5. Caracterização do sistema de transporte e mobilidade	45
4.3.6. Caracterização do uso e ocupação do solo	47
4.3.7. Caracterização das áreas verdes e meio ambiente	53

4.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
5 ESTUDOS CORRELATOS	56
5.1. ESTUDO DE CORRELATO 01 – PROGRAMA DE PARQUES PÚBLICOS DA CIDADE DO MÉXICO	56
5.2. ESTUDO DE CORRELATO 02	62
5.3. ESTUDO DE CORRELATO 03 – PRAÇA DE BOLSO CICLISTA	66
5.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
6 APLICAÇÃO PRÁTICA	71
6.1. JARDINETE ZENILDA FANINI SCHIER	73
6.2. JARDINETE TEM. MANUEL GOMES DE BRITTO	74
6.3. CONJUNTO DE JARDINETES CEL. BENOT P. CIDREIRA, DR. LUISNEI R. DA SILVA E PRAÇA JOSÉ ARAÚJO FILHO	76
6.4. JARDINETE SEM NOME 01	77
6.5 JARDINETE SEM NOME 02	78
7. DIRETRIZES DE PROJETO	80
7.1. DIRETRIZES PARA DESENVOLVIMENTO DE UM SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS NA REGIONAL BOQUEIRÃO	80
7.2. DIRETRIZES PARA JARDINS COMUNITÁRIOS	81
7.3. PROGRAMA DE NECESSIDADES PRELIMINAR VOLTADO AOS JARDINS COMUNITÁRIOS	82
8. CONCLUSÃO	83
REFERÊNCIAS	84

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objetivo elaborar uma análise dos espaços livres públicos na regional Boqueirão com potencialidade de se integrarem e formarem um sistema, abrangendo a regional como um todo e se integrando com os espaços livres públicos da cidade de Curitiba.

Este trabalho começa com a delimitação geral do tema apresentado no capítulo seguinte, com as informações de forma objetiva, busca-se esclarecer a temática e o objetivo do trabalho. No capítulo 3 referente a conceituação teórica temos uma análise de diferentes autores a respeito de tópicos de interesse ao objetivo de se projetar em pequenos espaços livres públicos de forma que haja participação popular no desenvolvimento e manutenção de tais espaços.

A leitura da realidade da cidade de Curitiba apresenta uma análise geral da cidade como um todo, e se foca na área específica em uma das 9 (nove) Regionais que servem como facilitadoras da gestão da cidade a Regional Boqueirão. O estudo feito na regional tem como base os resultados produzidos pelo IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba), por meio de reuniões com a comunidade e do trabalhos de técnicos a serviço do Instituto. Os resultados dessa análise foram cruciais para a elaboração das Diretrizes de Projeto e na elaboração do capítulo 6 Aplicação Prática, onde são escolhidos 5 (cinco) dos 33 (trinta e três) terrenos identificados como potencialmente favoráveis à implantação dos jardins comunitários.

Os estudos correlatos foram escolhidos com o intuito de atingir os objetivos de: um exemplo de sistema de espaço público onde os pequenos espaços livres públicos tem destaque dentro desse sistema; um jardim comunitário identificado como de uso ativo por um tempo de relevância; uma prática de planejamento e obra com participação popular dentro da cidade de Curitiba.

Por fim o objetivo da monografia é o estudo dos pequenos espaços livres públicos. Buscando formas de implantação desses espaços, dentro da Regional Boqueirão, para servir de base para a elaboração do Trabalho Final de Graduação.

2. DELIMITAÇÃO DO TEMA

O tema escolhido é: Intervenções paisagísticas em pequenos espaços livres públicos, os chamados jardinetes ou jardins de caráter local e comunitário, e a integração desses espaços em um sistema de espaços livres públicos na Regional Boqueirão.

2.1. OBJETIVOS

2.1.1. OBJETIVO GERAL

Elaborar uma análise dos pequenos espaços livres públicos na Regional Boqueirão com potencialidade de se integrarem e formarem um sistema, abrangendo a regional como um todo e se integrando com os espaços livres públicos daquela regional e da cidade de Curitiba.

2.1.2. OBJETIVO ESPECÍFICO

Esta análise será focada nos espaços conhecidos como jardinetes ou jardins da comunidade, cada jardinete está restrito a uma área útil de 3.000 m². Serão abordados como espaços que favoreçam a vida em comunidade, com a possibilidade de se integrarem ao cotidiano e identidade da mesma, com ênfase nos seguintes tópicos:

- Estudar o Sistema de Espaços Livres Públicos na Regional Boqueirão e caracterizá-lo como sistema integrado.
- Identificar pequenos espaços livres públicos, que se enquadrem na caracterização definida.

- Estudar sobre uma amostra desses espaços em relação ao seu contexto e entorno para estabelecer parâmetros e diretrizes de projeto.
- Estabelecer um programa básico de necessidades para esse tipo de projeto ou intervenção paisagística, a fim de inseri-los como unidades ativas e ao alcance da comunidade no Sistema de Espaços Livres Públicos da Regional Boqueirão.

2.2 JUSTIFICATIVA

Os jardinetes são espaços geralmente abandonados e ou subutilizados pela população e poder público na paisagem urbana. Esses espaços têm potencialidades configuradas devido sua proximidade com áreas residenciais, com capacidade de se tornarem uma paisagem ativa, que garante acessibilidade e segurança.

Foi escolhida a área de intervenção na regional Boqueirão, Curitiba, Paraná, devido à existência desses espaços subutilizados na região, com potencialidade de se integrar em um sistema de espaços livres. A escolha da área também foi influenciada por aspectos pessoais, visto que resido na área de análise desde que nasci, possibilitando uma compreensão do espaço por meio de critérios de vivência, utilização e identificação.

3 CONCEITUAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo analisa 4 (quatro) conceitos diferentes de Paisagem: “A Paisagem Urbana”, “Espaço Livre Público”, “Sistema de Espaço Livre Público” e “Pequenos Espaços Livres Públicos ou Jardimetes”. Procura-se mostrar aqui uma introdução ao tema abordado na presente pesquisa e futuro projeto, dando base aos capítulos seguintes, a “Leitura da Realidade”, “Aplicação Prática” e as “Diretrizes Projetuais”.

Os conceitos apresentados seguem uma linha de pensamento de aproximação da problemática, de uma visão mais abrangente a uma leitura mais aproximada da escala desejada para a fase de elaboração do projeto.

3.1 A PAISAGEM URBANA

O conceito de paisagem é abordado por diferentes áreas do conhecimento, esse conceito é elaborado a partir da visão de como ela se constrói em seu meio. A paisagem para o paisagismo é tratada muitas vezes como um fundamento, uma base do ensino e um objeto, nesse capítulo o conceito é abordado por diferentes teóricos, que abordam a paisagem como um espaço de vivência.

Paisagem, mais do que espaço observado, trata-se de espaço vivenciado, da sensibilidade das pessoas com seu entorno (SANDEVILLE JR, 2005).

O Conceito de Paisagem surgiu associado com a arte da pintura (ALVES, 2001). A origem da palavra reforça ainda mais essa visão em conjunto com a arte, sendo atribuída ao poeta flamão Jean Molinet (1493) que utilizou no sentido de “quadro representando uma região” (ROGER, 1997).

A visão de paisagem “tradicional” esteve associada ao belo e à representação dela pela pintura (como pode ser vista na pintura de John Constable, figura 01, onde a paisagem é representada fielmente e com um intuito de registrar um momento através de um olhar mais acadêmico). Esse

conceito com o tempo passa por uma crise de definição e representação, a paisagem passa a ser não só “um espaço geográfico” ou uma “representação naturalista”, surge novos ideais de representações com novas formas, cores e movimento (como pode ser visto na obra de Claude Monet, figura 02). Uma nova lógica de definição onde uma paisagem pode não ser necessariamente uma representação do real, mas fazer parte de um imaginário popular ou individual (ALVES, 2001).

O conceito de algo estático não é mais suficiente para explicar o que é a paisagem, ela se transforma em resultado de um processo. Tal processo, natural ou humano, vem a ser uma história de interação do todo que rodeia esta paisagem. Estudar a paisagem passa a ser algo bem mais complexo ela é parte da cultura, de um povo ou local, em constante modificação e com diferentes percepções (SANDEVILLE JR, 2005).



Figura 01 - John Constable; View of Salisbury; 1820; óleo sobre tela (35x51cm).

Fonte: Wikimedia Commons, 2012



Figura 02 - Claude Monet; Saint-Georges majeur au crépuscule; 1908–1912; óleo sobre tela (65.2x92.4cm).Fonte: Art's everyday living, 2012.

Seguindo o foco do trabalho, do espaço livre público, a paisagem em sua relação física e social é resultado da constante interação com o homem. Para o estudo do espaço público é indispensável analisar seu contexto social e físico, pois o homem é o agente de maior importância para a paisagem urbana.

3.2 O ESPAÇO LIVRE PÚBLICO

O espaço livre público, como objeto de pesquisa, é conceituado e discutido por vários teóricos de diversas áreas do conhecimento. Neste trabalho, esse conceito passa por diferentes abordagens que se complementam. Como ponto de partida para o entendimento desse conceito é adotada a definição disponível no glossário do livro – Fundamentos de Paisagismo 01, Desenho Urbano – dos autores Ed Wall e Tim Waterman, que definem o espaço público como: “Qualquer área da paisagem ou interior de edificação que pode ser usada livremente por qualquer pessoa e em qualquer momento [...]”. Essa definição introduz duas ideias básicas para o entendimento do espaço público, sua conformação física e seu acesso.

O conceito de público pode ser relacionado com o termo espacial de “coletivo”, assim entendido como o espaço de todos, com um fácil acesso e de responsabilidade por sua manutenção assumida por todos os seus usuários (HERTZBERGER, 2006). O acesso ao espaço público é fundamental para a preservação de seu caráter coletivo, em seu livro – Projeto da Praça – Sun Alex reforça essa ideia de acesso como premissa para o uso do espaço, também cita as classificações de Stephen Carr para os três tipos de acesso ao espaço são eles: o físico, visual, e simbólico/social. Essas classificações ajudam no entendimento de que o fácil acesso ao espaço podem ter diferentes conformações, mas a ideia de que ele permaneça universal deve ser mantida.

O espaço público assume inúmeras formas e tamanhos na cidade, atualmente um caráter plurifuncional é relacionado à ele, devido a vasta rede de possibilidades de usos urbanos que ele pode assumir (ALEX, 2006). Em uma definição mais abrangente, essa vasta possibilidade de usos pode ser atribuído ao fato que o espaço livre é aquele não ocupado por um volume edificado (MAGNOLI, 2006). Essa relação do edificado com o não edificado pode ser comparada com o conceito do taoísmo de yin e yang que expõem a dualidade de tudo que existe no universo, sendo o yin (espaço livre público) e yang (o espaço edificado), essa relação não é apenas de dualidade, mas também de ambos os lados se complementarem e se transformando continuamente (HULSMeyer, 2014). Apesar de ambos os lados terem a mesma força o espaço livre tem uma fraqueza sobre o espaço edificado, sendo mais suscetível às transformações no processo de construção da paisagem. O espaço livre pode ser considerado o mais frágil e um dos mais promissores de reestruturação do território, podendo assumir algumas das funções mais importantes em um sistema urbano. (TARDIN, 2008)



Figura 03 - Relação do espaço edificado com o espaço livre na cidade de Nova York. Fonte: Nova York. A grande cidade; Will Eisner; 1981, 1982, 1983, 1986.

Os espaços livres tem uma grade função como lugar de percepção da paisagem, sendo ele a parte visível do território, permite que se estabeleçam relações com os demais espaços urbanos e assim construindo a paisagem urbana (TARDIN, 2008).

A relação de função pode estar ligada à forma, mas não totalmente diretamente, já que essa definição por funções é uma tarefa bastante complexa e arbitrária. Para uma questão mais generalista pode-se citar a identificação de Tunnard-Pushkarev de quatro funções para o espaço livre público são elas:

produtiva, protetora, ornamental e recreativa. A função mais atribuída ao espaço livre é a de recreação essa função é geralmente mais privilegiada dentre as outras, tendo um destaque pelo entendimento que o espaço livre é o espaço de “não trabalho” ou de descanso. (MAGNOLI, 2006). Outras funções podem ser atribuídas ao espaço urbano, nesse trabalho serão destacadas através dos equipamentos existentes e futuramente a serem implantados, nas áreas de análise. As funções adotadas são: esporte/lazer, recreação, proteção e educativo (esse item será melhor detalhado no tópico 3.3).

O espaço livre público pode então ser compreendido como o que favorece à vida comunitária (MAGNOLI, 2006). São genericamente: superfícies não ocupadas, protegidas por lei ou não, de propriedade pública, cobertos por vegetação ou não, que possam representar oportunidades para a reestruturação do território. Esses espaços são estratégicos para o projeto territorial, eles devem assim permanecer livres de ocupação e que possam formar um sistema (TARDIN,2008).

3.3 SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS

Como sistema podemos considerar a paisagem um macrosistema. Dentro desse esquema mais complexo está uma rede de grupos que se relacionam entre si. O espaço livre público pode se conformar como um sistema ou microsistema, dentro desse grande conjunto da paisagem (HULSMAYER, 2014). A percepção da paisagem é fundamental para a ordenação do sistema de espaços livres públicos, visto que esse microsistema tem grande relevância para a qualidade visual, qualidade de vida da população e a preservação do patrimônio natural e artificial (TARDIN,2008).

Essa ideia de sistema parte da premissa de uma unidade de elementos em conjunto, esse conjunto tem elementos variados de diferentes caráteres e objetivos, mas como unidade eles se complementam e aumentam a capacidade de alcançar o objetivo de cada elemento individualmente. O sistema de espaço livre público então pode ser entendido como um conjunto de

áreas livres, vegetadas ou não, projetadas para o usufruto da população de uma cidade (CHIESA, GOMES, 2006).

O sistema parte de um princípio de que haja uma interação ou vinculação dos diferentes espaços livres públicos, essa integração não está totalmente ligada a uma ideia de conexão física dos diferentes espaços, mas uma ligação por diferentes meios pode acrescentar essa ideia de correlação dos espaços, que podem ser por meio do sistema viário, hídrico, rede de arborização, desenho do projeto com linguagens semelhantes. Pode ser implementada também uma ideia de circuito, onde cada espaço complementaria o outro, através de uma rede de funções destinadas a cada lugar, essas funções seriam destinadas a partir de uma análise da potencialidade de cada local ou da percepção de carências de certos usos no local. (HULSMAYER, 2014).

As funções dos espaços livres públicos em conjunto, conformando assim um sistema, podem ser analisadas por duas visões diferentes. Uma visão voltada para as atividades humanas no tecido urbano é mais recorrente pelos profissionais da área de arquitetura, essas atividades são voltadas ao lazer, recreação e as práticas esportivas ao ar livre, dessa visão se percebe que o espaço é considerado como um aglutinador de todas as atividades do ser humano dentro de uma sociedade/comunidade. A visão menos recorrente, mas que vem ganhando grande foco com a discussão de espaços sustentáveis, é a de ecossistemas que promovam a biodiversidade animal e vegetal. Esta visão mais ecológica tem como práticas de projeto a recuperação de áreas degradadas, com enfoque nos aspectos bio-físicos da área (GALENDER, 2005).

Neste trabalho são incorporadas essas duas visões no projeto de jardins comunitários em um sistema, resultando em quatro funções distintas, as quais são: esporte/lazer, recreação, proteção ambiental e educativa. A função educativa foi adicionada pela análise de que os espaços livres públicos também podem fazer parte, ou se relacionar, com o sistema de ensino público.

Em conjunto as diferentes funções dos espaços livres compõem um quadro integrado, onde as diferentes funções se completam e fazem relações diretas com seus entornos, através de uma rede estipulada por um projeto sistemático. Isso resulta em um sistema que reflete a potencialidade de cada

local segundo seu uso já estipulado e as carências de seu entorno (TARDIN, 2008).

Para a conformação do sistema de espaços livres públicos é necessária uma hierarquização dos diferentes espaços, visto que cada espaço atende a população em diferentes escalas. Em seu livro – *Espaços livres: Sistema e projeto territorial* – Raquel Tardin, utiliza dos pressupostos de formação de um sistema de espaços livres descritos por Richard Forman (1995), segundo Forman essa hierarquização serviria como um mosaico de ecossistemas, reunindo espaços descontínuos e contínuos e estaria definida por fragmentos (patches), corredores (corridors), matrizes (matrix) e fronteiras (boundary zone). Essa divisão é feita a partir de uma visão mais aprofundada na área que cada espaço ocupa e sua extensão no tecido urbano, nessa visão de sistema de Forman os chamados fragmentos seriam equivalentes a praças e jardinetes, os corredores seriam parques lineares que contém um canal de fluxo de água ou não, e a matriz seria os parques que fechariam o sistema como um todo.

Essa visão de três grandes categorias de espaços livres, dentro de um sistema ajuda a configurar uma hierarquização própria. Essa hierarquização dos espaços livres públicos da Regional Boqueirão tem como base a visão de Forman sobre sistema, baseando-se também na nomenclatura estipulada por Alexander Fabbri Hulsmeyer em sua tese de doutorado – *A cidade através dos seus sistemas de espaços livres* – pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (2014). Em sua tese Hulsmeyer define 4 (quatro) subsistemas dentro de um sistema estrutural de espaços livres (predominantemente públicos), elaborado a partir da tipificação dos espaços livres feito pelo QUAPÁ-SEL¹, são eles:

- Subsistema de Espaços de Circulação: são definidos como calçadas, ruas, avenidas, estacionamentos, vias parque ou parque linear, ciclovias, caminhos de pedestres, calçadão, canteiros centrais,

¹ QUAPÁ-SEL: pesquisa que tem como objetivo o estudo dos padrões existentes do sistema de espaços públicos na cidade brasileira dando continuidade e aprofundando um processo de investigação iniciado em 1994 dentro do Laboratório da Paisagem da FAUUSP, no Projeto QUAPÁ – Quadro do Paisagismo no Brasil. (Fonte: <<https://quapasel.wordpress.com/quem-somos/>> Acesso em 17/06/15).

rotatórias, viadutos, faixas de domínio de ferrovia e rodovia, taludes, trevos, remanescentes de sistema viário.

- Subsistema de Espaços de Conservação: são definidos como APP, unidades de conservação, encostas, matas nativas, bosques urbanos, florestas urbanas, áreas de reflorestamento, corredores ecológicos.
- Subsistema de Práticas Sociais: são definidos como mirantes, pátios, recantos, jardins, lagos, praças, parques nucleares intraurbanos, parques lineares, parques de bolso, quadras esportivas polivalentes, equipamentos públicos de recreação.
- Subsistema de Espaços Hídricos e de Drenagem: são definidos como corpos d'água sendo eles rios, córregos, riachos, lagos e represas.

Essas duas hierarquias de sistemas, são as bases para a elaboração de um sistema de espaços livres públicos na regional Boqueirão (proposta de sistema que será melhor especificada nos capítulos 06 e 07 respectivamente os capítulos referentes a “Aplicação Prática” e “Diretrizes de Projeto”), a mescla desses dois pensamentos de sistema será incorporada ao enquadramento e definição de Praças, Jardinetes, Jardins Ambientais, Largos, Eixos de Animação, Núcleos Ambientais e Unidades de Conservação da legislação de Curitiba na forma da Lei Municipal número 9.804/2000 (CURITIBA, 2000).

Concluindo o pensamento da elaboração de um sistema de espaços livres públicos, ele deve atingir os objetivos assim estipulados por Cláudio Menna Barreto Gomes e Paulo Chiesa no artigo “Sistema de Espaços Livres em Curitiba: Tradição, Posturas e Práticas Locais” disponível no volume 01 “Discutindo a Paisagem” da coleção “Paisagem Aberta” que define:

Um sistema eficiente de espaços livres públicos de uma cidade deve ter entre suas atribuições o propósito de evitar que a natureza seja destruída, suprimida ou artificializada a tal ponto que comprometa seu equilíbrio e evolução. [...]. Ou seja, ele (o sistema) possui dimensão social, cultural e educativa importante agregada ao seu papel estrutural de abrigar ou viabilizar muitas atividades necessárias para a sociedade – obviamente, preservando o patrimônio natural e possibilitando o reencontro das pessoas com a natureza.

3.4 PEQUENOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS OU JARDINETES

O conceito de pequenos espaços livres públicos é contemporâneo, se comparado aos demais espaços como praças, parques, bosques e ruas. Esse espaço vem sendo estudado com maior ênfase a partir da década de 60, com a introdução do conceito norte-americano de pocket park, esse termo não se relaciona totalmente com os jardins comunitários (objetivo desse trabalho), devido sua maior implementação em grandes núcleos urbanos. Mas a inexistência de uma leitura e teoria sólida sobre o jardins comunitários, faz assim necessária a incorporação de partes desse conceito norte-americano para este trabalho. Também são analisados espaços denominados pocket park nos estudos correlatos devido a sua proximidade à problemática de se projetar em pequenos espaços livres públicos urbanos.

Quando imaginados genericamente os espaços livres públicos dentro de uma cidade logo vêm à mente grandes espaços como parques, praças e reservas naturais. Esse imaginário lê o espaço livre público como sendo de grande escala, predominantemente com grande número de árvores e com espaços amplos de lazer e recreação. Esse espaço dentro do imaginário popular vem se mostrando cada vez mais difícil de ser implementado dentro de cidades já consolidadas, onde não existe mais uma reserva de espaços vazios onde podem ser projetados. Devido sua escala reduzida os pequenos espaços livres públicos apresentam alguns aspectos positivos para solucionar essa carência das grandes cidades. Quando comparado a outros espaços de maior dimensão como praças e parques, sua rápida implementação, custos reduzidos de projeto e obra e parceria com a comunidade local (visto que a maioria desses projetos tem um grade caráter participativo da comunidade onde ele se insere), faz com que este tipo de intervenção no meio urbano tenha uma crescente demanda por parte da sociedade (DIMITRIADI, 2013).

Através de uma análise de diferentes pocket parks e jardins comunitários é possível entender que o modo de concepção desses espaços se assemelha, em ambos os casos os lotes onde foram implantados esses pequenos espaços livres públicos eram na maioria lotes sem uso, com acúmulo de lixo, abandonados ou remanescentes da conformação urbana da área. O modo de

projeto, concepção e manutenção da área também se assemelha, visto que na maioria dos casos (principalmente no caso dos jardins comunitários) o projeto não teve nenhuma participação de um profissional de arquitetura durante a construção do espaço, se configurando em um projeto totalmente criado e construído pela própria comunidade do local, outro meio é uma participação público/privada onde a iniciativa privada é a grande responsável pela construção do espaço. O poder público também está envolvido com esse tipo de prática urbana de se apropriar de pequenos espaços urbanos, mas esse tipo de iniciativa é mais comum em outros países (principalmente Estados Unidos e países da Europa), visto que o Brasil não tem muitos exemplares expressivos desse tipo de espaço.

Um exemplo desse tipo de intervenção urbana com um caráter de participação quase que total da população é o DIY Pocket Park, em Atenas, Grécia. Neste caso uma crescente demanda da população por espaços livres públicos, fez com que um grupo denominado “Atenistas” organizasse uma espécie de mutirão, onde o governo cedeu lotes vazios para a população implementar esses espaços públicos e a própria comunidade local e voluntários construíram o espaço, e ficariam responsável pela manutenção em conjunto com a organização. O DIY Pocket Park foi a primeira intervenção desse tipo na cidade (ATENISTAS, 2013).



Figura 04 – Proposta de intervenção. Fonte: Land8.



Figura 05 – Área antes da intervenção. Fonte: Atenistas, atenienses em prática!.



Figura 06 – Comunidade e voluntários reunidos para a transformação da área. Fonte: Atenistas, atenienses em prática!.



Figura 07 – Resultado da intervenção na área. Fonte: Atenistas, atenienses em prática!.

Como análise desses pequenos espaços livres públicos segue como base as funções já pré-estabelecidas no item 2.3, onde o enfoque de projeto estará em 4 (quatro) funções para o espaço: a de esporte/lazer, recreação, proteção ambiental e educativa. Com essas definições do estudo do espaço a base na aplicação dessas funções estará mesclada com a visão de jardim comunitário e pocket park. As funções educativa e proteção ambiental estarão mais atribuídas à visão de jardim comunitário; já as funções de esporte e lazer estarão atreladas à visão de pocket park. Porém a função de recreação partirá de um princípio misto. No item a seguir serão analisadas uma breve história e definições de jardins comunitários e pocket park, essa breve análise será um dos fundamentos para a elaboração do capítulo 06 – Diretrizes de Projeto.

3.4.1. JARDINS COMUNITÁRIOS

A denominação “jardins comunitários” é uma tradução e adaptação do termo em inglês *community gardens*, esse tipo de espaço se caracteriza por assumirem uma posição de espaço social de função ativa. O programa de

necessidades é variado, mais comumente é encontrado um programa voltado para o “ajardinamento” feito pela própria comunidade local, espaço como hortas, pomares e canteiros ornamentais são geralmente adotados por se tratarem de um mecanismo de aproximação da comunidade com o local e de participação ativa de seus usuários. O desenho (projeto) é simples, é baseado em sua maioria em um zoneamento racional e funcionalista (AKINAGA, 2014).

Nos Estados Unidos a presença desse espaço é identificada desde 1890, iniciativas públicas e privadas surgiram com objetivos diversos que variaram conforme a época em que esses programas foram implantados. Essas apropriações de lotes subutilizados tiveram inicialmente um caráter de espaço de aprendizagem e lazer (sendo esse espaço administrado por escolas); embelezamento de bairros; durante o período de 1930, com a crise, também foram vistos como fonte de geração de empregos; durante a Primeira Guerra Mundial como um espaço funcional para a produção de alimentos; após a Segunda Guerra Mundial como um espaço de celebração; atualmente esses espaços são considerados grandes articuladores da vida urbana, com a implementação de programas participativos e que favorecem a vida em comunidade (LAWSON, 2005; AKINAGA, 2014).

Em sua tese de doutorado – Urbanismo Ecológico, do princípio à ação – pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (2014) Patrícia Harumi Akinaga analisa os espaços ditos como jardins comunitários nos Estados Unidos, nessa análise a autora constata que embora os programas variem conforme as necessidades da população local alguns elementos são presentes em todos os casos por ela estudados, são eles:

- Configuração de um espaço de plantio: esses espaços possuem um forte caráter popular, visto que a manutenção e por vezes a construção desse espaço é de autoria da comunidade local, canteiros de plantio ou jardineiras de madeira são elementos característicos desse espaço.
- A interface com a vizinhança (fachada do terreno): observa-se que o perímetro do terreno tem um tratamento diferenciado por meio de elementos no piso ou cercas com um desenho diferenciado que busca aguçar a percepção da comunidade com

relação à importância da presença desse tipo de espaço dentro do bairro.

- Vegetação atrativa: muitos projetos apresentam o plantio de espécies vegetais de caráter ornamental, com flores, frutos e ervas de tempero, incentivando a participação e admiração dos usuários, por vezes é permitido que os passantes possam provar os frutos como parte da vivência no espaço.
- Segurança: quando implementado em bairros de grande incidência de vandalismo é feito um zoneamento de quais áreas é visto como necessário cercar ou limitar o acesso, mas essa prática pode ainda sim gerar mais violência.
- Educação ambiental: quando é possível o programa englobar construções, essas têm como uso o abrigo das ferramentas usadas para manutenção pela própria comunidade, um sistema de coleta de águas pluviais e um espaço para reuniões da população local.

No Brasil essa prática ainda é pouco expressiva tendo sido noticiadas duas intervenções do mesmo caráter do jardim ambiental, mas de autoria total da comunidade, sem participação de nenhum órgão público ou profissional de arquitetura. São duas intervenções em bairros periféricos que transformaram espaços assim chamados de “lixreira viciada” (espaços onde são depositados resíduos irregularmente), uma localizada no conjunto da Zona Centro-Sul, Manaus, Amazonas e outra no bairro Resistência em Vitória Espírito Santo.



Figura 08 – Foto do Jardim Comunitário Cajueiro da 13 Manaus, localizado no conjunto da Zona Centro-Sul, Manaus, Amazonas. Fonte: blog cajueiroda13.

Os jardins comunitários se mostram como uma opção de espaços onde a participação popular e o crescimento de uma visão de comunidades é fundamental para sua existência, geralmente é implantado em bairros de uso predominantemente residencial e surge a partir de uma parceria entre ONGs, poder público e comunidade local.

3.4.2. POCKET PARKS

Essa análise a cerca dos pocket parks tem como objetivo complementar o estudo acerca dos projetos em pequenos espaços livres públicos. Serão analisadas uma breve história e considerações em relação aos usos implementados nesses espaços.

Caracterizado como um elemento paisagístico em pequena escala é assim chamado pocket park, miniparques ou vest-pocket park, essa tipologia de espaço é criada a partir de recursos públicos, iniciativas privadas ou uma parceria entre os dois. O objetivo desse espaço é a maior integração com a cidade, seus usos geralmente estão vinculados com o esporte e lazer, tendo como objetivos usuais de projeto são: o plantio de arvores; criação de espaços

de convivência para adultos e para crianças; maior integração da paisagem urbana ou identificação com a população; áreas para prática de esportes (MARCUS; GREENE, 1998).

A primeira intervenção nessa escala de pocket park ocorreu em Nova Iorque, nos Estados Unidos, na década de 60. A ideia nasceu através da criação da “Park Association of New York City”, essa organização tinha o intuito de apoiar a criação desses “pequenos parques” em lotes privados na cidade. Essa associação incentivou na época os chamados POPS, Privately Open Public Spaces, esses espaços são considerados os antecessores dos que futuramente seriam os pocket parks. Em 1965 foi criado o primeiro pocket park ou então chamado “the original ‘vest pocket park”, chamado de Rev. Linnette C. Williamson Memorial Park, localizado em uma área carente de espaços verdes. Um ano após a construção do primeiro pocket park foi criado o Paley Park, que pode ser considerado o mais famoso no cenário atual, construído em homenagem ao pai do então dono de uma das maiores redes de televisão dos Estados Unidos a CBS. Com 390m², possui acesso único, além de, em suas laterais, paredes com trepadeiras darem destaque ao elemento central que é uma grande queda d’água (POCKET PARKS OF NY, 2011).



Figura 09 – Foto do Rev. Linnette C. Williamson Memorial Park em Nova Iorque. Fonte: The Rev. Linnette C. Williamson Memorial Park Association.



Figura 10 – Foto do Paley Park em Nova Iorque. Fonte: Huffington Post.

Em uma definição mais generalista o pocket park por definição é aquele que: é localizado em centros urbanos; está situado entre duas edificações; tem visibilidade para a rua; com existência de árvores ou alguma vegetação (não em todos os casos); proporciona uma área de convívio público (POCKET PARKS OF NY, 2011).

No Brasil esse conceito de pocket park foi incorporado ao de “jardim de bolso” ou “praça de bolso”, ainda sem muitos exemplares dessa tipologia de espaço, as intervenções feitas seguem o mesmo caráter americano de parcerias público/privado ou público/comunidade. Um exemplo é a “Pracinha da Oscar Freire”, espaço temporário que futuramente substituído por um empreendimento imobiliário, com 300 m², é um espaço com caráter de “encontro urbano”, com jardins verticais em suas laterais, uma “lousa” para uso do usuário com área de intervenção permanente e decks como espaço de estar (ZOOM, 2014).



Figura 11 – Foto do Pracinha da Oscar Freire. Fonte: Instituto Mobilidade Verde.

3.4.3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pequenos espaços livres públicos tanto os jardins comunitários e os pocket park fazem como premissa a abertura de espaços livres públicos para a cidade, essa “pequena escala” mostra-se uma opção viável para grandes centros urbanos e para bairros (dependendo do objetivo do projeto). Pode ser relacionado com a visão de Miranda Magnolli (1996) do artigo “Jardim como um fragmento de sonho”, de que esses pequenos espaços servem como oásis urbanos em meio ao tecido da cidade, aliviando as tensões geradas pelos agentes urbanos.

4 LEITURA DA REALIDADE

4.1 O MUNICÍPIO DE CURITIBA

“Curitiba é uma saída; é a prova do que pode dar certo [...] sem dúvida, aqui está uma reprodução otimizada da utopia modelo.” – Carlos Nelson Ferreira dos Santos.

Curitiba está localizada na Região Metropolitana de Curitiba, criada por meio da Lei Complementar n. 14/73, originalmente composta por 13 municípios, onde o polo dessa metrópole é a cidade de Curitiba. Atualmente a RMC é composta por 26 municípios, sendo considerada a maior metrópole do Paraná, ocupando quase todo o 1º planalto paranaense e contando com mais de 30% da população do estado do Paraná (Censo 2010, IBGE), se configura como uma região intensamente urbanizada (CHIESA; BARNABÉ; ROSANELI; GOMES, 2012).



Figura 12 – Imagem da localização do estado do Paraná em relação ao Brasil e a localização de Curitiba em relação ao estado do Paraná. Fonte: Wikipédia.

O município de Curitiba ocupa uma superfície totalizada em 432 km², com dimensões na extensão norte/sul de aproximadamente 35 km e na direção leste/oeste de aproximadamente 20 km. Ela se localiza no primeiro planalto paranaense. Ela está condida entre a serra do Mar ao leste e a oeste pela escarpa Devoniana, distante a menos de 90 km do oceano Atlântico, é de clima temperado e frio, úmido e geralmente nublado em Curitiba (MAACK, 1968).

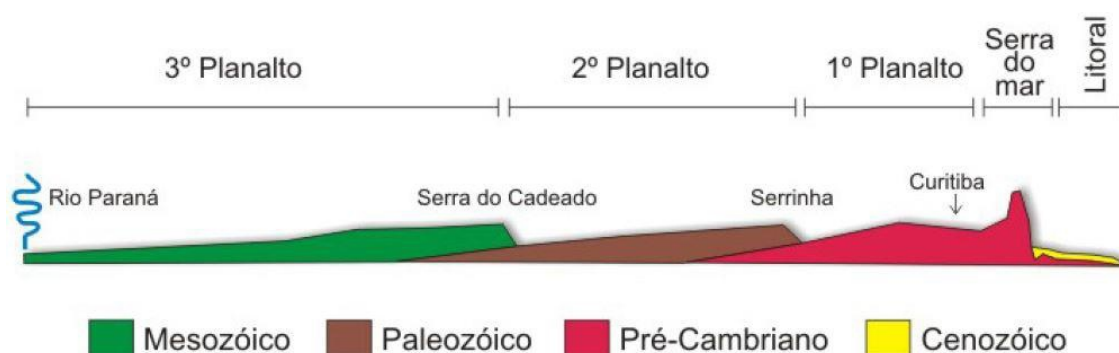


Figura 13 – Croqui do perfil da compartimentação geomorfológica do estado do Paraná (E-W) segundo Maack (1968). Fonte: MARTINS, 2014; originalmente de MINEROPAR, 2007 modificado por OLIVEIRA,2008.

Fundada em 1693, é a capital do estado do Paraná, famosa por suas realizações no planejamento urbano principalmente no modelo de desenvolvimento elaborado nos anos de 1960, que teve como sua marca um sistema de transporte público bem sucedido e várias iniciativas municipais de caráter de preservação do meio ambiente local (ZIRKL, 2003).

O sitio geográfico de Curitiba é caracterizado por uma área em forma de platô sem maiores restrições à urbanização. O sistema hídrico compreende em sub-bacias da grande bacia do rio Iguaçu, os lagos presentes na cidade são artificiais, criados com o objetivo de contenção de enchentes. A vegetação é marcada pela presença de campos limpos com a ocorrência de capões e matas nativas de clima temperado, a araucária se destaca no meio da paisagem e tornou-se símbolo da região (CHIESA; BARNABÉ; ROSANELI; GOMES, 2012).



Figura 14 – Vista aérea da cidade de Curitiba. Fonte: Band News FM.

Atualmente o sistema de espaços livres de Curitiba, públicos e privados, vegetadas ou não, está muito relacionada ao ordenamento espacial das diretrizes de planejamento urbano pressupostas no Plano Diretor da cidade. Os parques assumiram um papel importante como grandes espaços de lazer considerada as praias dos curitibanos, alguns com um forte simbolismo para a população e na paisagem curitibana. As praças principalmente as centrais estão vinculadas ao sistema viário, se percebe uma distinção entre praças de bairros e centrais, as de bairro tem como característica uma forte presença em finais de semana sendo quase totalmente ocupadas pela população, já as praças centrais estão presentes no dia-a-dia da população, mas não favorecem o convívio em sociedade. Os jardinetes são espaços esquecidos dentro dessa dinâmica, com um mobiliário extremamente simplificado ou inexistência do mesmo na maioria dos casos, são espaços que não proporcionam nenhuma interação com a sociedade (CHIESA; BARNABÉ; ROSANELI; GOMES, 2012).

4.2 CURITIBA E SUAS REGIONAIS

Como forma de otimizar a gestão da cidade de Curitiba, foi dividida a cidade em planos regionais que tem como objetivo principal se consolidar como instrumento de gestão democrática, viabilizando o planejamento integrado e participativo para contribuir com o desenvolvimento sustentável e qualidade de vida (IPPUC, 2008). A cidade é dividida em 9 (nove) regionais são elas:

- Regional Boa Vista, nela situados os bairros: Pilarzinho, Taboão, Abranches, Cachoeira, Santa Cândida, Barreirinha, São Lourenço, Boa Vista, Riviera, Atuba, Bacacheri, Bairro Alto e Tarumã ;
- Regional Santa Felicidade, nela situados os bairros: Santa Felicidade, Lamenha Pequena, Butiatuvinha, São João, Vista Alegre, Cascatinha, São Brás, Santo Inácio, Orleans, Mossunguê, Campina do Siqueira, Seminário, CIC (região Norte), e parte de Campo Comprido;
- Regional Matriz, nela situados os bairros: Centro, Centro Cívico, Batel, Bigorrrilho, Mercês, São Francisco, Bom Retiro, Ahu, Juvevê, Cabral, Hugo Lange, Jardim Social, Alto da XV, Alto da Glória, Cristo Rei, Jardim Botânico, Prado Velho e Rebouças;
- Regional Cajuru, nela situados os bairros: Cajuru, Uberaba, Jardim das Américas, Guabirota e Capão da Imbuia;
- Regional Portão, nela situados os bairros: Portão, Fazendinha, Santa Quitéria, Vila Izabel, Água Verde, Parolin, Guaíra, Lindóia, Fanny, Novo Mundo e parte de Campo Comprido;
- Regional CIC (Cidade Industrial de Curitiba), nela situados os bairros: CIC (região Centro/Sul), Riviera, Augusta e São Miguel;
- Regional Boqueirão, nela situados os bairros: Boqueirão, Xaxim, Hauer e Alto Boqueirão;
- Regional Pinheirinho, nela situados os bairros: Pinheirinho, Capão Raso, Tatuquara, Campo de Santana e Caximba;
- Regional Bairro Novo, nela situados os bairros: Sítio Cercado, Ganchinho e Umbará;

Como foi anteriormente explicado no item 1.2 foi escolhida a Regional Boqueirão para análise da realidade e área de intervenção do futuro Projeto Final de Graduação.

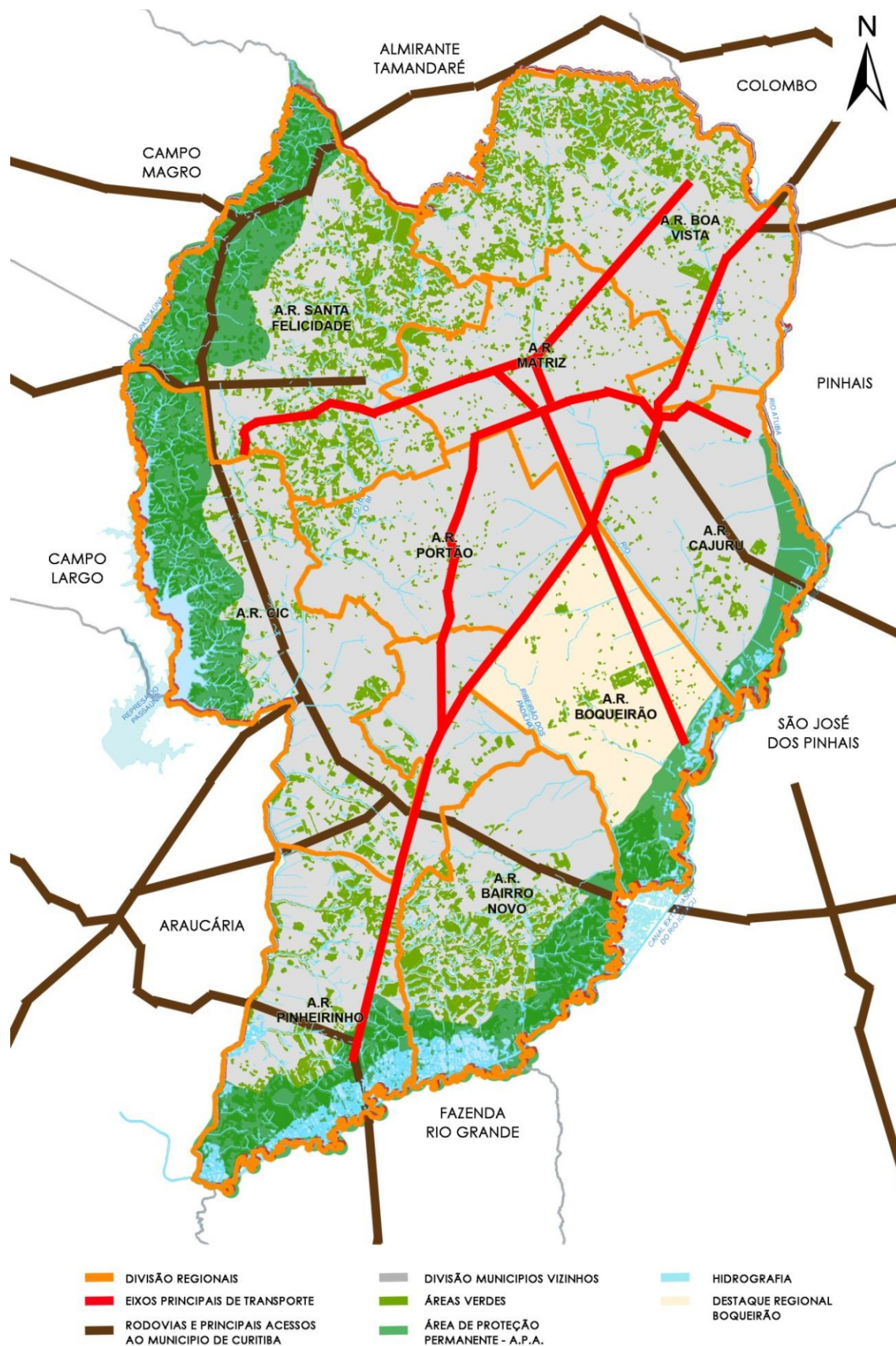


Figura 15 – Mapa da Divisão Territorial das Regionais de Curitiba, em destaque a Regional Boqueirão, e as principais dinâmicas urbanas no município. Fonte: O Autor. Base: IPPUC (2014).

4.3 REGIONAL BOQUEIRÃO

Esta análise sobre a Regional Boqueirão está baseada nos estudos a cerca desta área, elaborado pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba – IPPUC, elaborados nos anos de 2007, 2008, 2013 e 2014 e também com base nas observações pessoais elaboradas a partir da análise e convívio na Regional Boqueirão.

A análise foi dividida nos seguintes tópicos de interesse: Caracterização Territorial; Caracterização Histórica; Caracterização Populacional; Caracterização da Infraestrutura e Equipamentos Públicos; Caracterização do Sistema de Transporte e Mobilidade; Caracterização do Uso e Ocupação do Solo; Caracterização das Áreas Veres e Meio Ambiente.

4.3.1. CARACTERIZAÇÃO TERRITORIAL

A Regional Boqueirão localiza-se na porção sul do município, fazendo divisa com o Município de São José dos Pinhais e com as regionais: Matriz, Portão, Pinheirinho, Bairro Novo e Cajuru. Com a área total de 3.980,66 hectares, o que significa 9,2% do território de Curitiba. Em quase toda a sua área a Regional Boqueirão é composta por duas formações geológicas a de sedimentos inconsolidados (em sua grande parte do tipo aluvião composto basicamente de areia, cascalho e/ou lama) e pela formação conhecida como Formação Guabirotuba que compõe 60,8% da área da regional formada basicamente de argilitos, arcósios e margas (formações compostas basicamente de argila, areia e calcário), esses sedimentos tem como característica física alta suscetibilidade à erosão e movimentos gravitacionais de massa em encosta.

O perfil territorial da Regional Boqueirão varia entre 940 e 800 metros de altitude, não apresentando grandes declividades. Dentro de sua área localiza-se as seguintes bacias: Bacia do Rio Belém, com abrangência de 43,2% do

seu território, a Bacia do Rio Iguaçu, com atingimento de 35,1% da área, e a Bacia do Ribeirão dos Padilhas, encerrando os 21,7% restantes.

Dentro de sua divisão política a Regional Boqueirão é composta por quatro bairros: Alto Boqueirão, Boqueirão, Hauer e Xaxim. O maior bairro da regional é o Boqueirão, com 1.474,39 hectares, e o menor é o Hauer, com 399 hectares. A sede de administração da regional se localiza na Rua da Cidadania do Boqueirão, dentro do bairro Boqueirão ao lado do Terminal do Carmo (terminal que faz parte do sistema de transporte da cidade).

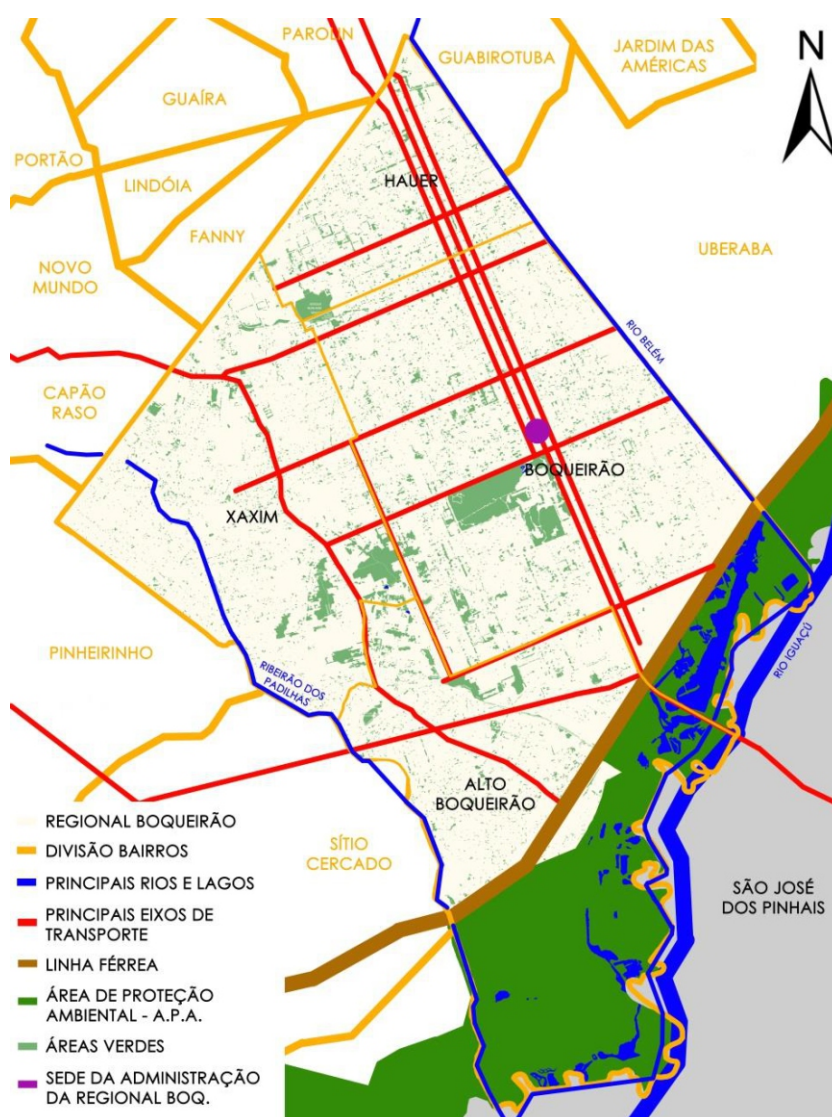


Figura 16 – Mapa da Divisão Territorial dos Bairros da Regional Boqueirão, e suas principais dinâmicas urbanas. Fonte: O Autor. Basa: IPPUC, 2014.

4.3.2. CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA

A regional tem seu nome atrelado ao seu bairro mais antigo o Boqueirão, citado desde 1856 nos registros de terras, ele era caracterizado como um grande banhado, numa extensa propriedade de quase 1.000 alqueires pertencente por muitos anos à família do coronel Manoel Antonio Ferreira, a chamada na época Fazenda Boqueirão abrigava quase todo o território da atual regional. A porção restante do território foi adquirido por Robert Hauer, essas terras se localizavam nos atuais bairros: Novo Mundo, Lindóia, Parolin, Fanny, Hauer e parte do bairro Xaxim.

A população inicial de índios e caboclos começou a diversificar-se no início do século com a chegada de sucessivos grupos de imigrantes italianos, alemães (menonitas), poloneses, entre outros.

Os primeiros loteamentos datam na década de 1930 implantados pela Companhia Territorial do Boqueirão, que enfrentou muitos obstáculos relativos aos alagamentos e dificuldades de acesso para a demarcação dos lotes. Esses loteamentos se localizavam em grande parte nos atuais bairros Boqueirão e Alto Boqueirão. Na década seguinte em 1940, após a morte de Robert Hauer, começou o processo de loteamento da então chamada “Vila Hauer”, a partir da herança partilhada entre os seis filhos do antigo proprietário da área.

Dentro do bairro Boqueirão formou-se um núcleo de pequenas chácaras com trabalho agrícola e criação de gado leiteiro. As leiterias caracterizaram-se como atividade marcante no bairro quando, em 1945, David Tows fundou a Cooperativa Mista do Boqueirão e a produção leiteira assumiu caráter empresarial.

A partir de 1951 uma grande área localizada a oeste do bairro Xaxim, onde originalmente havia um matadouro conhecido por “charqueada dos Hauser”, tem início um processo dos loteamentos então chamados de: Vila São Pedro, Vila Rex e Jardim Urano, dentre outros.

Na década de 1960 o Alto Boqueirão enfrentou o início do crescimento populacional intenso com a formação de vilas e núcleos habitacionais que vieram a modificar a paisagem, assim como ocorreu com o bairro do Boqueirão, esse crescimento demandou infraestrutura por parte dos

governantes. Esta infraestrutura representou um significativo desenvolvimento em toda a Regional Boqueirão, que demandou ao poder público a revisão de metas para atender necessidades locais da época.

Em meados da década de 1970 foi implantado o Parque Iguaçu nas proximidades do rio Iguaçu, originando o Parque Náutico do Iguaçu, as chamadas “cavas do Iguaçu” e o Jardim Zoológico de Curitiba, considerados como importantes referências da região.

4.3.3. CARACTERIZAÇÃO POPULACIONAL

A Regional Boqueirão tem uma população de 197.346 habitantes, com uma porcentagem representando 11,26% do total do Município. Nos anos de 2000 a 2010 apresentou um crescimento abaixo ao apresentado de 4,86%, (o crescimento do Município de Curitiba foi de 10,37% nesse período). A densidade populacional da regional é de 49,58 hab/ha (habitantes por hectare), apresentando como sendo o bairro de maior densidade o Xaxim com 62,94 hab/ha, seguido pelos bairros Boqueirão com 49,63 hab/ha; Alto Boqueirão com 44,77 hab/ha; Hauer com 33,37 hab/ha, pode se considerar o bairro Alto Boqueirão como o de maior densidade, visto que aproximadamente metade de seu território é correspondida pela Área de Proteção Ambiental do Iguaçu – APA do Iguaçu.

A regional apresenta uma tendência de diminuição do percentual de crianças e jovens, a população da Regional em 2010, por faixa etária, estava assim distribuída (segundo dados do Censo de 2010): 0 a 4 anos - 6,4 % da população; 5 a 14 anos - 14,6 % da população; 15 a 24 anos - 17 % da população; 25 a 59 anos - 51,6 % da população; 60 anos e mais - 10,5% da população.

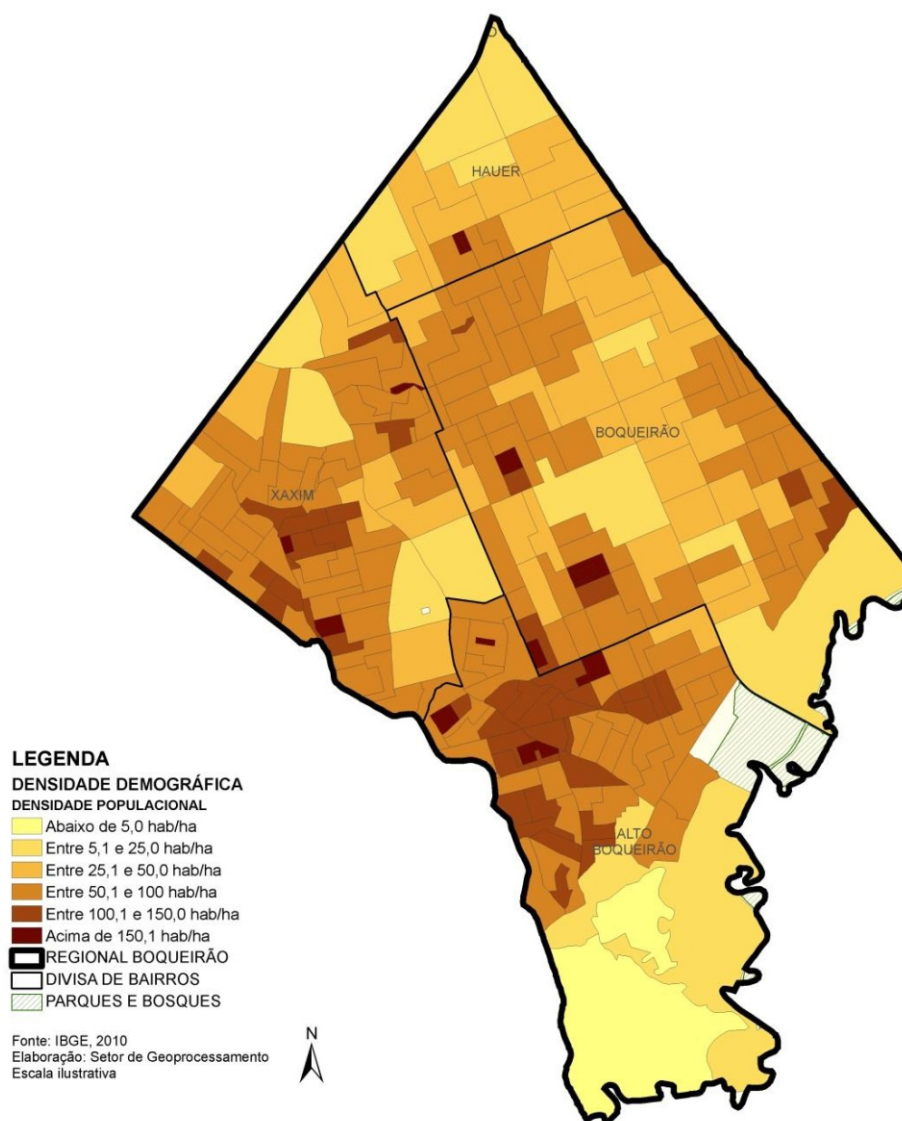
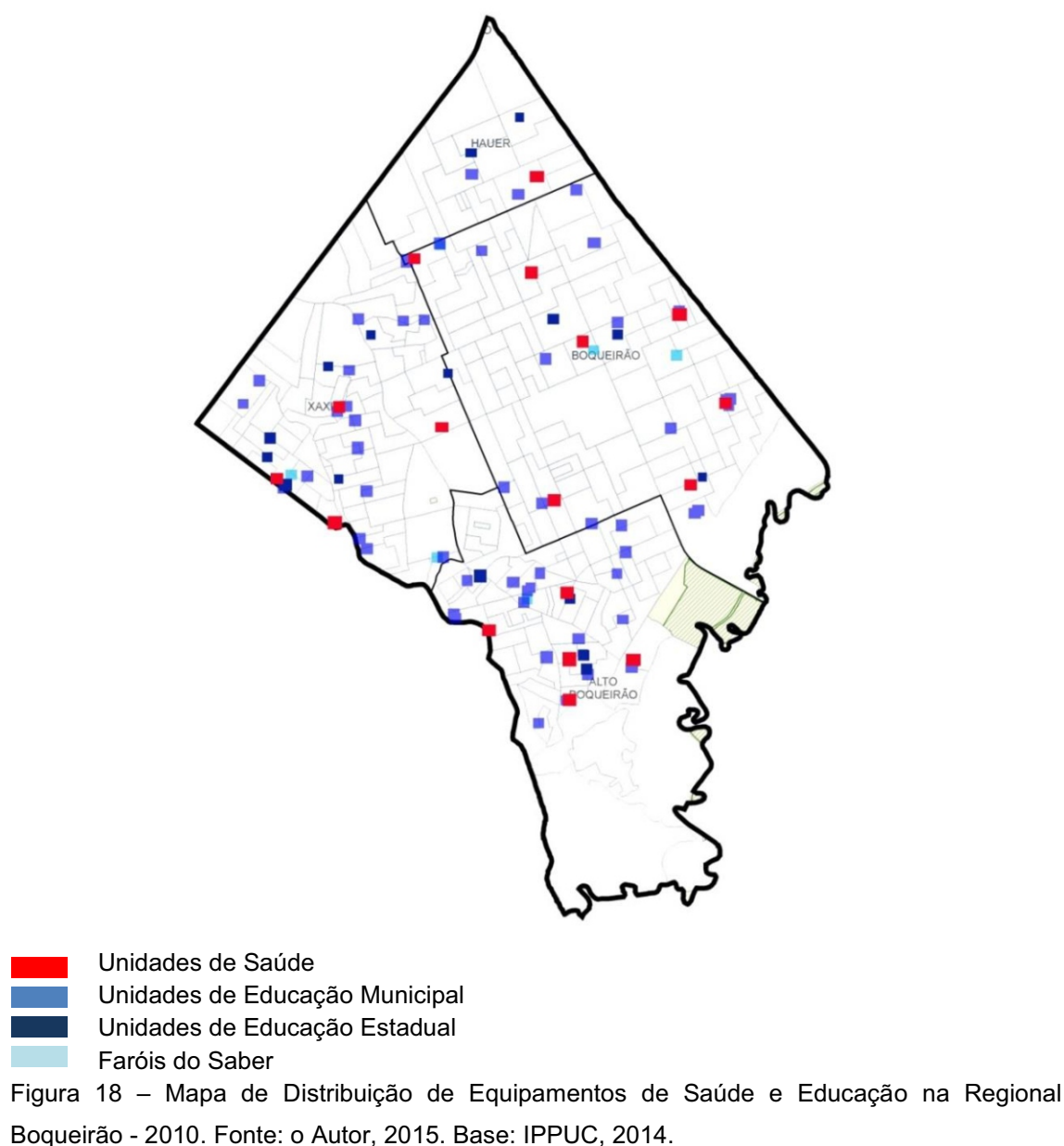


Figura 17 – Mapa de Densidade Demográfica por Setores Censitários da Regional Boqueirão - 2010. Fonte: IPPUC, 2014.

4.3.4. CARACTERIZAÇÃO DA INFRAESTRUTURA E EQUIPAMENTOS PÚBLICOS

A regional apresenta níveis satisfatórios de alcance dos equipamentos públicos à população. A estrutura viária conta com quase 95% das ruas asfaltadas (por meio de asfalto ou pavimentação alternativa). As escolas municipais quase todas atingem um coeficiente de avaliação de qualidade satisfatório, porém ainda há carência de creches. As unidades de saúde

apresentam-se atendendo razoavelmente a demanda da população, porém não existem hospitais na área ou próximos da regional. A rede de esgoto atinge quase toda a regional (chegando ao índice de atendimento de aproximadamente 93%), e o sistema de microdrenagem atende aproximadamente 75% dos bairros (índice com base na presença de bueiros/boca-de-lobo e meio-fio/guia). A rede de abastecimento de água pode ser considerado como atendimento universalizado abrangendo 99,69% dos domicílios. A coleta de lixo na regional atinge mais de 99% dos domicílios em todos os bairros da Regional. A iluminação pública próxima aos domicílios chega ao índice de atendimento igual a 94,48%.



4.3.5. CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMA DE TRANSPORTE E MOBILIDADE

A Regional Boqueirão possui três terminais de transporte da RIT - Rede Intergrada de Transportes: o Terminal Boqueirão, o Terminal Carmo e o Terminal Vila Hauer. Com linhas “alimentadoras” atendendo ao fluxo até os terminais, linhas “interbairros” fazendo ligações importantes entre os bairros vizinhos e as linhas expressas que fazem ligação direta ao centro de Curitiba através da faixa exclusiva de ônibus da Rua Marechal Floriano Peixoto. Com relação ao acesso ao transporte público na Regional Boqueirão, mais de 92% da população reside a uma distância de até 250 metros das linhas de ônibus.

A rede de ciclovias ainda é precária, sendo apenas implantados trechos localizados ao longo das ruas: Marechal Floriano Peixoto, Omar Raymundo Picheth e Wilsom Dacheux Pereira. O fluxo de carros não apresenta grandes conflitos devido à presença do sistema trinário² (localizado na Rua Marechal Floriano Peixoto) e binários na área, é apenas observado trânsito lento nos chamados “horários de pico”, onde é apresentado o maior fluxo de veículos em toda a cidade. Outro fluxo importante na área é a chamada “Linha Verde”, o antigo trecho das BR-116 e BR-376, que faz ligação do sul da cidade de

² O engenheiro do IPPUC José Álvaro Twardowski em entrevista ao jornal Gazeta do Povo no dia 15 de junho de 2010, faz uma avaliação do sistema binário e trinário na cidade de Curitiba, segundo ele os binários melhoram a fluidez do trânsito, a segurança, estruturam o sistema viário da região, eliminam conversões conflitantes à esquerda e facilitam a travessia de pedestres. “Os binários vêm desde a época do Plano Diretor”, diz. Segundo ele, o planejamento de Curitiba está baseado nesse tipo de sistema de transporte em trinários (vias rápidas em sentidos opostos a uma quadra de distância de uma via exclusiva ao transporte coletivo, ladeada por duas vias locais em sentidos opostos).

Para fazer a ligação entre os importantes trinários da cidade (eixos estruturais), passou-se a implantar binários como forma de melhorar o fluxo de carros dentro da cidade de Curitiba. “Foi-se repetindo para vias de menor porte em toda a cidade. Até hoje aplicamos para facilitar a mobilidade. Hoje, os binários são feitos para diminuir o tempo de viagem dos deslocamentos”, avalia o engenheiro.

Essas medidas de implementação desse sistema de transporte não tem a aprovação de toda a população, principalmente por parte dos comerciantes, que reclamam que por conta do caráter da via “rápida” dificulta o acesso ao comércio e segundo os comerciantes uma certa desvalorização da propriedade encontrada em uma via “rápida”.

Curitiba ao norte, sem passar pelo centro da cidade. A presença de calçadas no entorno dos domicílios da Regional Boqueirão alcançou 56,16% de atendimento aos moradores, índice insatisfatório visto que em algumas situações a falta de calçadas põem em risco os pedestres.

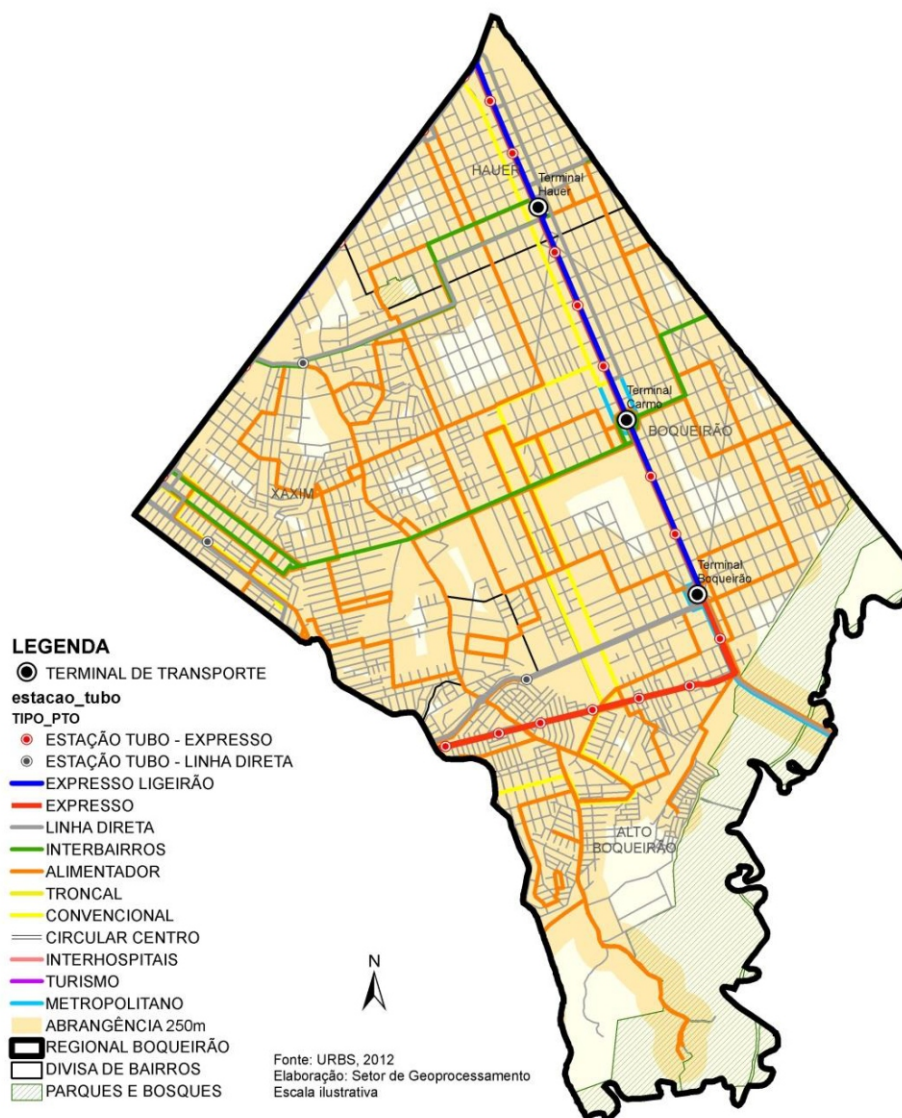


Figura 19 – Transporte Público por Linhas de Transporte, Terminais e Estações Tubo e por Área de Abrangência (250 metros) – Regional Boqueirão - 2012. Fonte: IPPUC, 2014.

4.3.6. CARACTERIZAÇÃO DO ZONEAMENTO, USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

A Regional Boqueirão possui 12 tipos de zonas e setores estipulados pelo Zoneamento da cidade de Curitiba. Segundo definição do IPPUC (2014) essas zonas e setores são caracterizados como:

- ZR-2: Zona residencial 2. De baixa densidade. São permitidas habitações unifamiliares e habitações unifamiliares em série, a densidade máxima é de 80 habitações/ha. Altura máxima de dois pavimentos, coeficiente de aproveitamento igual a um e taxa de ocupação 50%. Também são permitidos habitações institucionais e comércio e serviço vicinais e indústria de pequeno porte.
- ZS-1: Zona de Serviços 1. Tem menor porte; são permitidas habitação transitória, comércio e serviço (vicinal, de bairro, setorial e geral), comunitário – culto religioso, comércio e serviço específico. Altura máxima de dois pavimentos, coeficiente de aproveitamento um e taxa de ocupação 50%.
- ZS-2: Zona de serviços 2. Tem de maior porte; são permitidas habitação transitória, comércio e serviço (vicinal, de bairro, setorial e geral), indústria, comunitário – culto religioso, comércio e serviço específico. Altura máxima de dois pavimentos, coeficiente de aproveitamento um e taxa de ocupação 50%.
- ZT-MF: Zona de transição Marechal Floriano. Entre o Eixo da Avenida Marechal Floriano e a ZR-2 adjacente. Permitidas habitação unifamiliar e habitações unifamiliares em série com densidade máxima de 80 habitações/ha, habitação coletiva, habitação institucional, habitação transitória, comunitário, comércio e serviço (vicinal e de bairro), indústria de pequeno porte. Altura máxima de dois pavimentos, coeficiente de aproveitamento um e taxa de ocupação 50%.

- ZT-LV: Zona de Transição BR116. É a zona de transição entre o Setor Especial da BR-116 e os zoneamentos confrontantes. Permitido habitação coletiva, habitação institucional, habitação transitória, comunitário, comércio e serviço (vicinal, de bairro e setorial), comércio e serviço específico e indústria de pequeno porte. A altura máxima é quatro pavimentos, o coeficiente de aproveitamento é 1 e a taxa de ocupação 50%.
- ZE-D: Zona Especial Desportiva. Onde estão situados grandes equipamentos de esportes. São permitidos habitação transitória, comunitários – lazer e esporte, comunitário, usos vinculados às atividades desportivas além de comércio e serviço (vicinal e de bairro). A altura máxima é de quatro pavimentos, o coeficiente de aproveitamento é de 0,5 e a taxa de ocupação 30%.
- ZE-M: Zona Especial Militar. São permitidas habitações unifamiliares e coletivas – vilas militares, usos vinculados às atividades militares, comércio e serviço (vicinal e de bairro). A altura máxima é de quatro pavimentos, o coeficiente de aproveitamento 0,5 e taxa de ocupação 30%.
- SE-BR-116: Setor Especial da BR-116. São permitidas atividades comerciais e de prestação de serviços, além de habitação coletiva, institucional e transitória em até seis pavimentos. O coeficiente de aproveitamento é igual a 1, podendo chegar a 2 e nos pólos a altura é livre.
- SE-MF: Setor Especial da Av. Marechal Floriano. São permitidas atividades comerciais e de prestação de serviços, além de habitação coletiva, institucional e transitória, em até quatro pavimentos com coeficiente de aproveitamento igual a 1 e taxa de ocupação 50%.

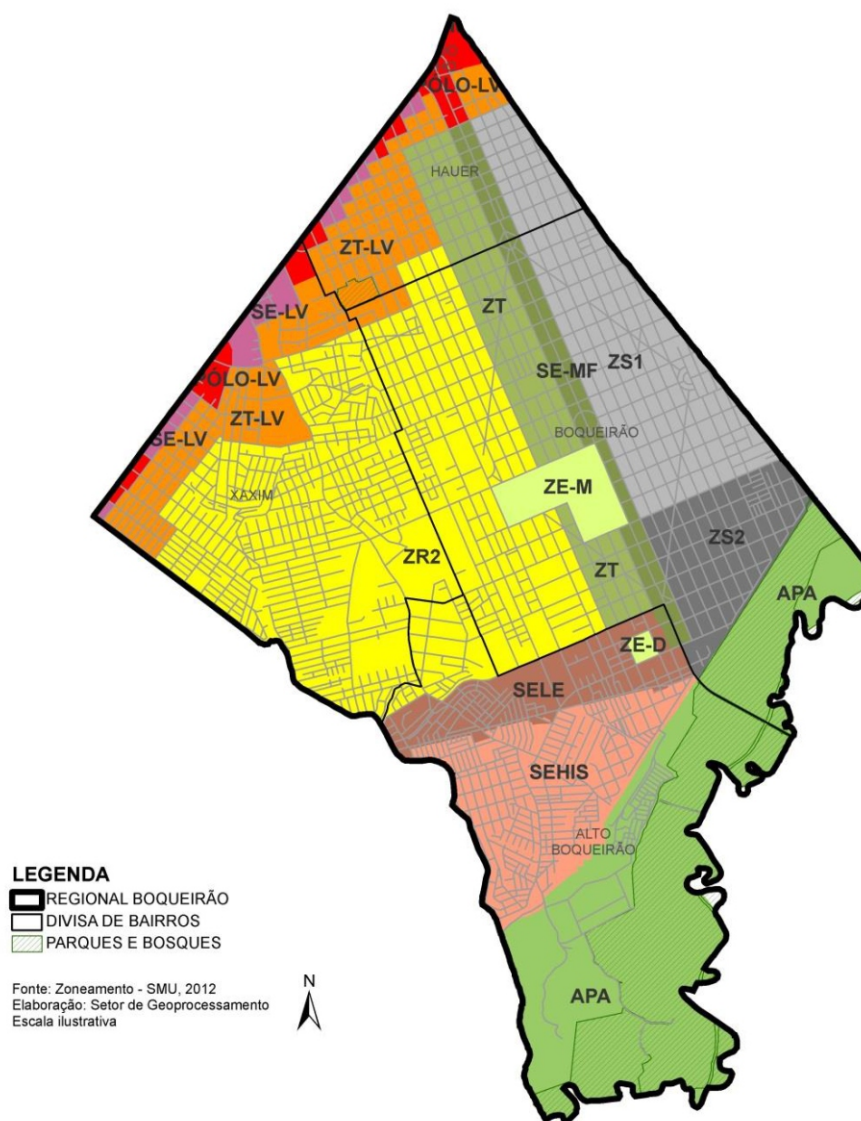


Figura 20 – Zoneamento - Regional Boqueirão. Fonte: IPPUC, 2014.

Na Regional Boqueirão o predomínio é da ZR-2, que representa sozinha 29% da área total, também se destacam a APA-IGUAÇU, que compreende a 20% da área, e a ZT-MF, com 14% que representa o “Quartel do Boqueirão”. O maior bairro da regional é o Boqueirão, nele também existe o predomínio da ZR-2, que se estende por quase 30% da área do bairro, a ZS-1 também possui destaque neste bairro, ocupando mais de 20% da área. O segundo maior bairro é o Alto Boqueirão, aqui o predomínio é da APA-IGUAÇU (Área de Proteção Ambiental do rio Iguaçu), ocupando mais da metade do bairro incluindo o Parque Iguaçu, ocupando uma área maior que 25% os SEHIS caracterizam o bairro como o de renda mais baixa. O Xaxim é predominante um bairro residencial sendo a ZR-2, como a zona de maior abrangência no bairro. O

Hauer é o menor bairro da regional, é caracterizado pelo seu grande uso por parte do comércio e serviços, sendo o Setor Especial da Av. Marechal Floriano representando mais da metade da área do bairro.

Com base no Zoneamento da Regional Boqueirão e em uma análise da área é possível destacar 7 tipos de ocupação são eles:

- Predomínio de Pequenas e Médias Empresas. Compreende a uma área localizada nas margens da regional, onde se observa galpões e armazéns predominantemente de pequeno e médio, essas áreas apresentam pouco fluxo de pedestres e em alguns trechos de trânsito lento devido a entrada e saída de veículos de grande porte.
- Predomínio do Setor de Comércio e Serviços. Essas áreas compreendem basicamente das ruas: Marechal Floriano Peixoto, Francisco Derosso e Dr. Bley Zornig. Essas ruas são consideradas importantes eixos de comércio e serviço na região, concentrando os serviços e comércio vicinal e de bairro. A Rua Dr. Bley Zornig tem uma característica específica de comércio de produtos têxteis, atraindo não só a população da região, mas como também a população da cidade de Curitiba e de São José dos Pinhais.
- Ocupações Irregulares. Essas ocupações estão concentradas em áreas de risco da região próximas a fundos de vale e a ferrovia existente na região, têm como características casas de padrão muito baixo aglomeradas.
- Predomínio de Condomínios. Essa tipologia vem sendo amplamente construída na região nos últimos anos, tem como características a predominância de condomínios de sobrados não totalmente fechados para a rua, com padrão de casas medianas/alto e se localizam principalmente nos bairros Boqueirão e Alto Boqueirão.
- Predomínio de Casas Térreas. Tipologia de maior presença na regional tem como característica casas térreas com “quintal”

frontal e de fundos, com ajardinamento e de no máximo dois pavimentos. Essa tipologia tem sido substituída nos últimos anos por condomínios de sobrados, devido os lotes apresentarem uma grande dimensão, eles são divididos e dão lugar a essa nova tipologia crescente na Regional Boqueirão.

- Área de Preservação. Essa área corresponde a APA-Iguaçu, tem grande dimensão na regional porém os parques presentes nessa área são de pouco uso pela população devido a separação dessa área pela linha férrea, dificultando assim o acesso a essas áreas de lazer.
- Área de Esportes. Compreende a duas áreas privadas de grande dimensão são elas: o Clube dos Subtenentes e Sargentos do Exército e o Estádio Vila Olímpica - Paraná Clube.

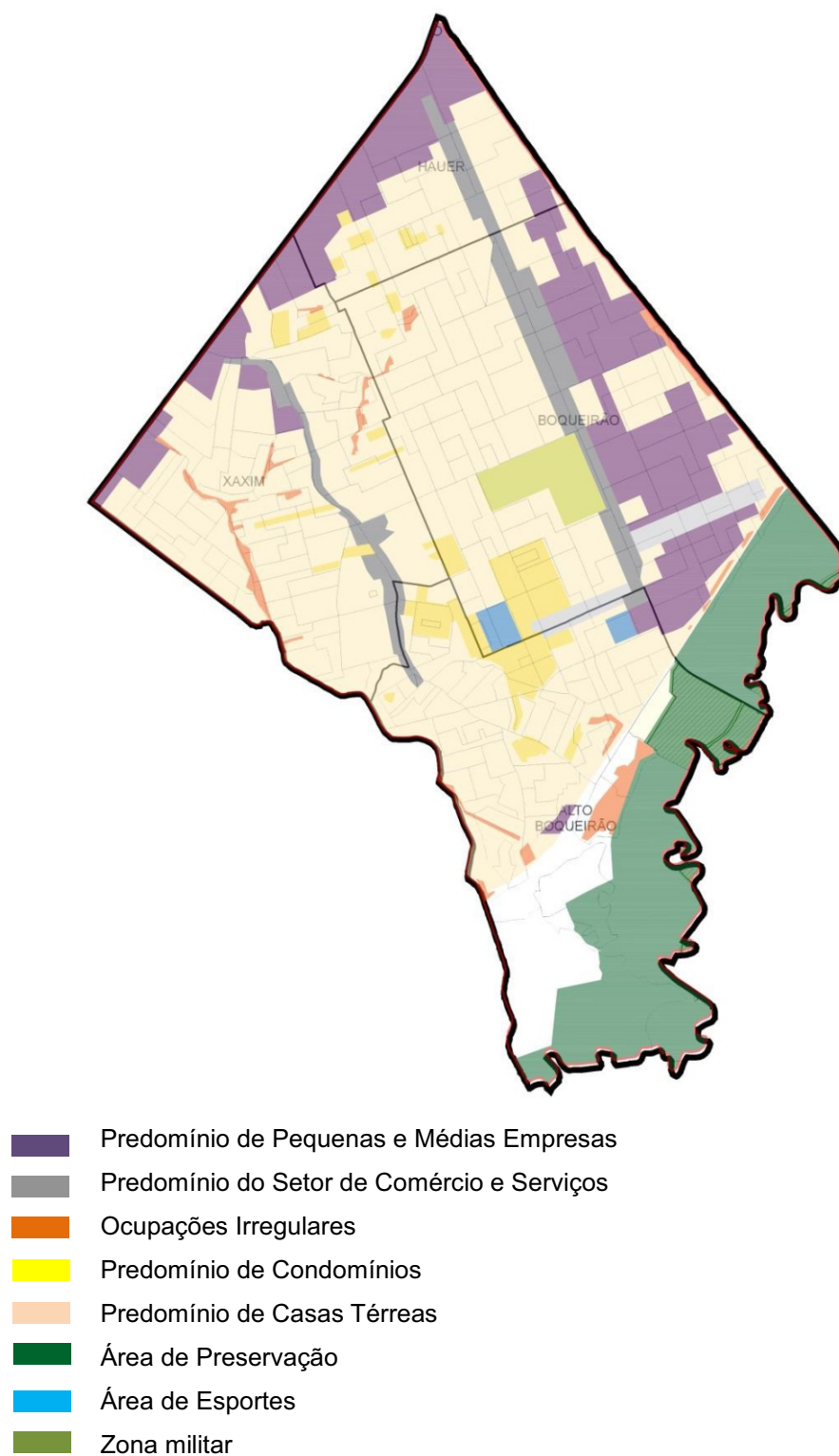


Figura 21 – Mapa de Tipos de Ocupação na Regional Boqueirão. Fonte: o Autor, 2015. Base: IPPUC, 2014.

4.3.7. CARACTERIZAÇÃO DAS ÁREAS VERDES E MEIO AMBIENTE

A Regional Boqueirão tem 6.281.066 m² de área verde, contribuindo com 6,2% do total da cidade. O Alto Boqueirão é o bairro com maior extensão de área verde, com 3.321.821 m², correspondendo a 52,9% do total de área verde da regional, esse percentual é apenas alcançado pela presença da APA-Iguaçu na área, as demais áreas do bairro apresentam, assim como os demais bairros da regional, indicador inferior de porcentagem de área verde do Município.

Com relação à proporção de áreas verdes públicas por habitante dos bairros da Regional, Xaxim (0,13 m²/hab) e Boqueirão (2,54 m²/hab) apresentaram um indicador inferior ao constatado no município (3,36 m²/hab). Ainda que abrigue apenas seis equipamentos relacionados ao meio ambiente, o bairro Hauer tem a sua proporção elevada devida a presença do Bosque Reinhard Maack. O bairro Alto Boqueirão, com 27,69 m² de áreas verdes públicas por habitante, como abordado anteriormente essa área não representa quando analisada em relação a população não apresenta um nível de áreas verdes, devida a concentração dessa área verde em apenas uma parte do bairro.

A Regional Boqueirão está atendida por 75 equipamentos relacionados ao meio ambiente, estando 32 destes localizados no bairro Alto Boqueirão. Os bairros Boqueirão e Xaxim são servidos por, respectivamente, 22 e 15 equipamentos. O bairro Hauer possui seis equipamentos e abriga o único bosque da regional.

O Parque Iguaçu, apresenta uma grande potencialidade como ponto turístico e econômico, com possibilidade de abrigar espaços culturais e eventos itinerantes, como feiras temáticas. No entanto, o parque carece de mais investimentos em infraestrutura, o parque apresenta um cenário muito ruim (de acordo com a análise do diagnóstico comunitário da regional), problemas de segurança, grandes obstáculos para o acesso e falta de linhas de ônibus na região são apontados como os grandes responsáveis pelo “não-uso” do parque por parte da população.

Outros equipamentos ganham destaque dentro da regional, como as praças Santa Rita de Cássia e Menonitas e o Bosque Reinhard Maack. Os

aspectos positivos desses equipamentos seriam a estrutura para a prática esportiva, grande participação da população nesses locais. O Bosque Reinhard Maack tem o seu aproveitamento comprometido em virtude da falta de segurança e do fechamento do equipamento durante os dias da semana, sua localização próximo a uma fábrica de madeira acentua ainda mais a insegurança devido o local ter pouco fluxo de pedestres.

Os jardinetes da região são pouco utilizados, com um mobiliário extremamente simples não são convidativos, alguns com equipamentos de esporte implantados (pequenas quadras de esporte) tem seu uso por parte da população, porém a frequência é muito pequena se caracterizando como espaços vazios, tanto de equipamentos como de usuários.

Outro aspecto relacionado ao meio ambiente, porém com o diagnóstico bastante negativo, são os recursos hídricos. Esses estariam relacionados a condições de insalubridade e a desastres socioambientais. A percepção de insalubridade estaria motivada pela falta de atendimento de parte da população pela rede de saneamento básico, resultando no despejo irregular dos resíduos nas galerias pluviais. Enquanto os desastres estariam relacionados a ocorrências de erosões e de alagamentos, justificados pela impermeabilização do solo e a ocupação das várzeas dos rios.

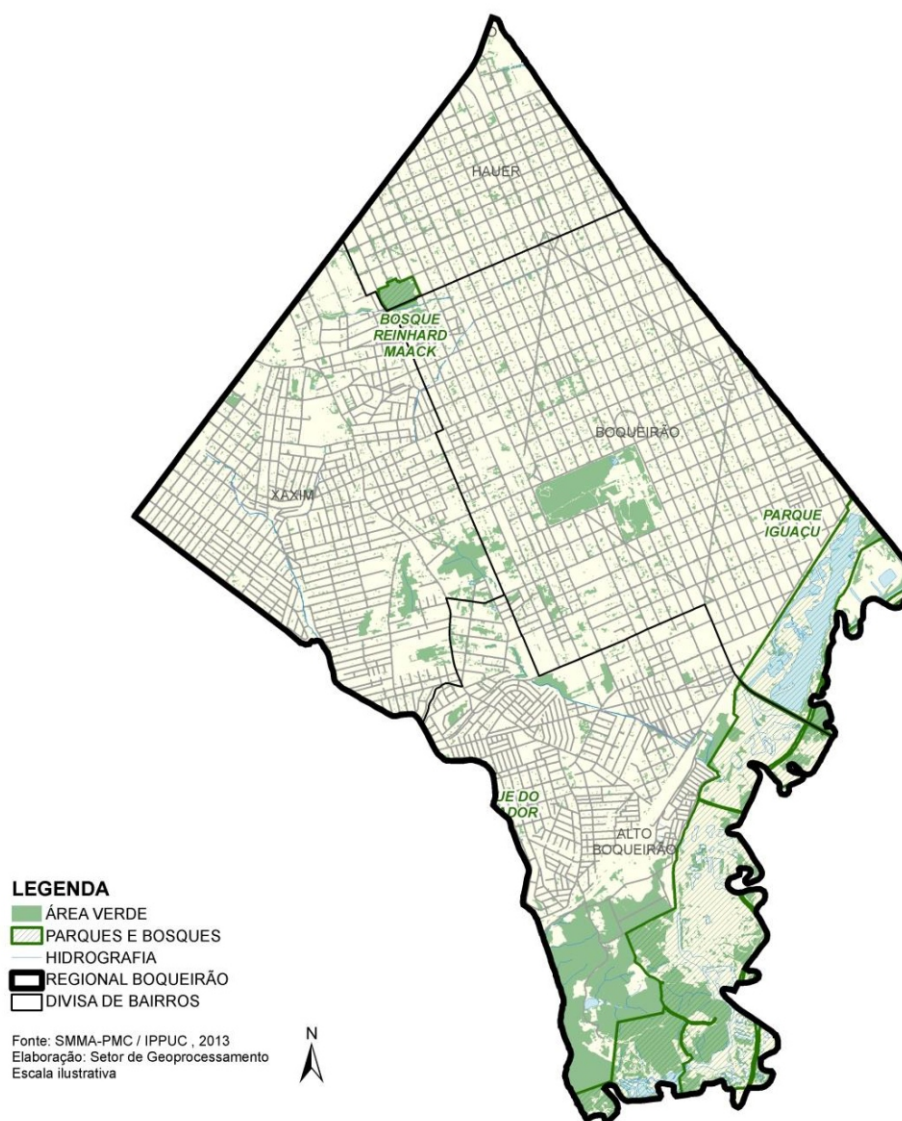


Figura 22 – Mapa de Áreas Verdes na Regional Boqueirão. Fonte: IPPUC, 2014.

4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Regional Boqueirão apresenta índices satisfatórios em relação aos indicativos estudados em geral, seus problemas estão concentrados basicamente aos indicadores de meio ambiente. A falta de espaços públicos de lazer é uma queixa frequente da população, mesmo que esses espaços existam fisicamente, não se percebe nenhuma conexão desses locais com a população, tornando-se assim espaços “esquecidos” pela população e pelo poder público.

5 ESTUDOS CORRELATOS

No presente capítulo serão analisados três projetos de espaços públicos localizados em áreas urbanas das cidades de Seattle, nos Estados Unidos; Cidade do México, México; Curitiba, Brasil. A análise dos elementos de cada estudo correlato tem como objetivo apoiar a elaboração do capítulo 7 Diretrizes de Projeto, e também busca possíveis soluções espaciais para o projeto de jardins comunitários na Regional Boqueirão.

Em relação ao critério de escolha foram escolhidos:

- O Programa de Parques Públicos da Cidade do México. Esse programa elaborou um sistema de espaços públicos, e teve destaque os projetos de futuros “parques de bolso”, nessa análise serão abordados os conceitos de como foi elaborada essa visão de sistema, e não o espaço físico de um dos “parques de bolso”.
- O Cascade P-Patch localizado em Seattle. Esse espaço classificado como um jardim comunitário, como o objetivo de estudo tem como foco os equipamentos implantados na área e sua relação com a população.
- A Praça de Bolso do Ciclista em Curitiba. A análise desse local tem como objetivo a percepção da concepção dessa tipologia de pequeno espaço livre público dentro da cidade de Curitiba.

5.1. ESTUDO DE CORRELATO 01 – PROGRAMA DE PARQUES PÚBLICOS DA CIDADE DO MÉXICO

Nome: Parques Públicos de Bolsillo

Localização: Cidade do México, México

Área: no Município em geral

Projeto: Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação

A cidade do México é a capital de um dos países mais populosos do mundo. Seu perímetro oficial é de 1,4 mil km², densamente povoada com aproximadamente 9 milhões de habitantes, a cidade é uma das mais belas da

América, com sua história muito marcante a cidade conserva os prédios e ruínas das civilizações antigas até hoje. Uma cidade moderna que carrega os traços de sua história indígena e colonial, hoje em dia se tornou um grande centro de movimentações financeiras e negócios de primeiro mundo, em grande parte influenciada pela fronteira com os Estados Unidos (FOLHA DE SÃO PAULO, sem data).

A cidade se organiza em 16 delegações, que podem ser comparadas as regionais de Curitiba, essa divisão permite um maior contato com a população, dentro dessa divisão de delegações estão as colônias (equivalentes aos bairros), ambas as categorias de divisão política estão subordinadas ao governo distrital/município (CIUDAD DE MÉXICO, 2014).



Figura 23 – Vista aérea da Cidade do México. Fonte: TAM, 2011.

O governo do distrito federal, através do programa “Decisiones por Colonia”, identificou como uma das necessidade da cidade a criação de novos espaços livre públicos, assim como a recuperação dos espaços degradados, assim por meio da “Secretaría de Desarrollo Urbano y Vivienda” instituiu o “Programa de parques públicos de bolsillo” para a Cidade do México. Este

programa tem como objetivo principal a recuperação dos espaços urbanos e locais remanescentes ou subutilizados, para promover uma transformação em espaços para a comunidade, que possa abrigar diferentes funções dependendo da “vocação” do espaço (SEDUVI, 2013).

Para melhor gestão e desenvolvimento dos projetos de “parques de bolsillo” foi elaborada uma cartilha, que prevê as ações mínimas para implantação e construção dos parques. Essa cartilha tem como pressupostas três funções para o equilíbrio da vida urbana: Função Ambiental, tem como principal característica privilegiar o verde na cidade, como fonte de equilíbrio ambiental; Função Urbana, tem como objetivo o equilíbrio dos espaços edificados na cidade; Função Social, busca a interação da sociedade nos espaços urbanos, criando assim a visão de comunidades (SEDUVI, 2013).

Os “parques de bolsillo” estão presentes dentro de um sistema de espaços livres públicos que abrange toda a cidade, em ordem decrescente de grau de influencia dentro da cidade estão: “Parque metropolitano”, espaço público de grandes dimensões, tem como característica gerar uma identidade para a Cidade do México; “Parque Local”, espaço para atingir a escala da delegação política; “Parque barrial”, voltado para a convivência dos habitantes de uma colônia; “Parque de bolsillo”, espaço urbano de pequenas dimensões apropriado para as comunidades locais; “Parque lineal”, espaço de caráter linear, implantado principalmente em via férreas em desuso, ao longo de rios, córregos e vazios urbanos (SEDUVI, 2013).

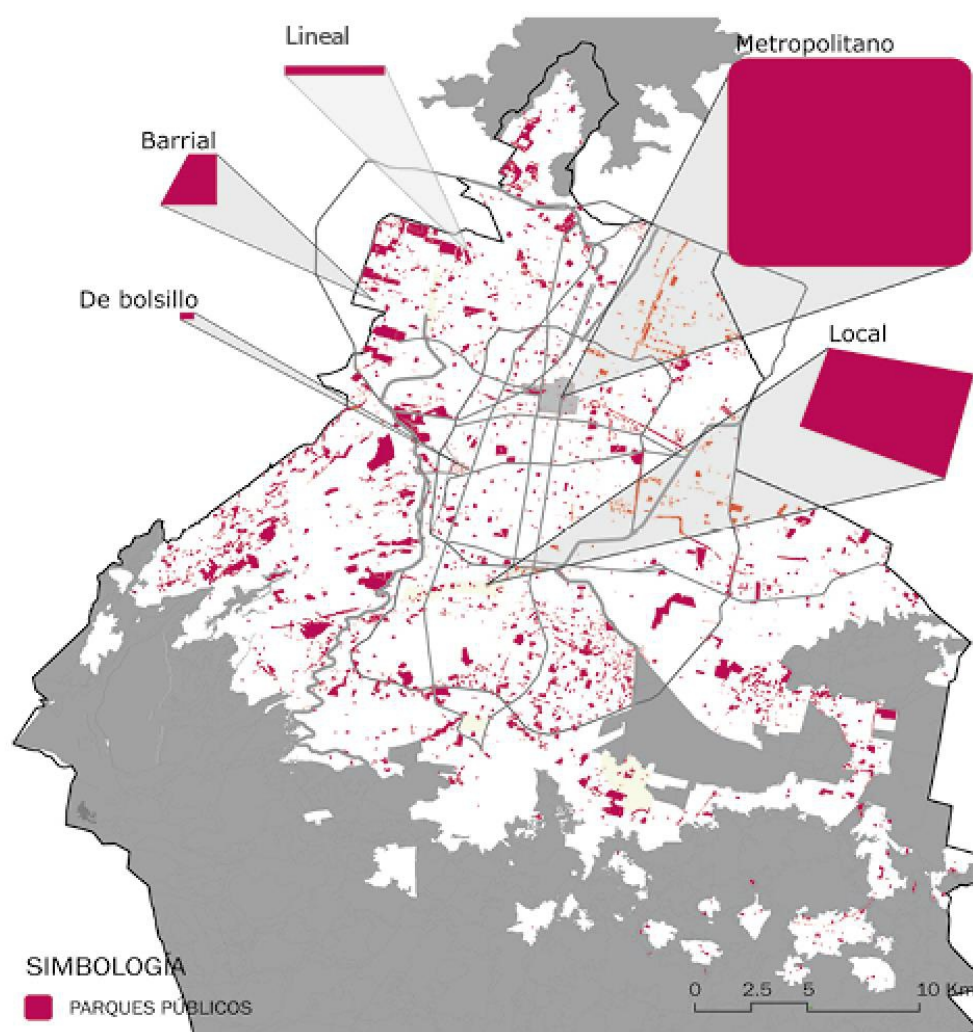


Figura 24 – Mapa da localização dos Espaços Livres Públicos da Cidade do México. Fonte: SEDUVI, 2013.

Os Parques Públicos de Bolsillo (PPB) se definem como pequenos espaços remanescentes da urbanização da cidade e lotes subutilizados ou abandonados, esses espaços são transformados em espaços para recreação da comunidade local, tendo como objetivo melhorar a qualidade de vida da população e paisagem urbana da cidade. O projeto de intervenção é pensado a partir de uma classificação e idealização dos PPBs a partir de diversos parâmetros entre eles: sua localização, acessibilidade, segurança, vocação, identidade local, entre outros (SEDUVI, 2013).

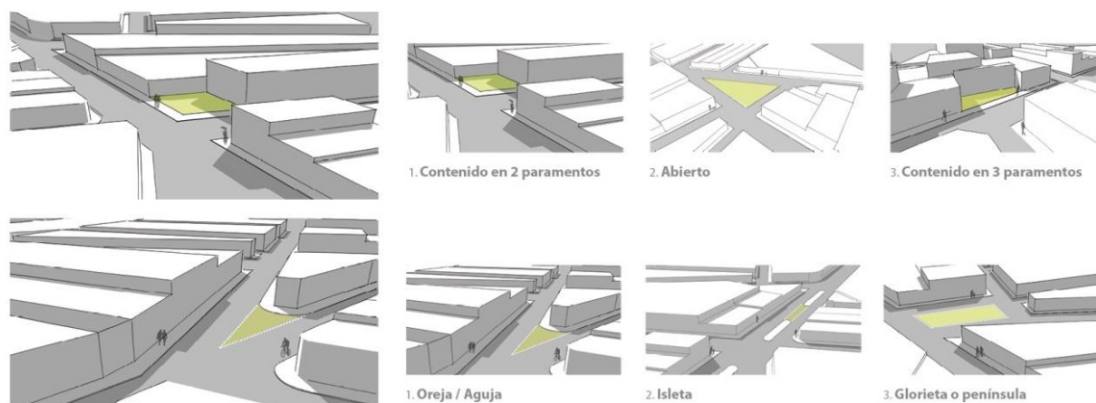


Figura 25 – Critérios de Escolha de Terreno para um Parque Público de Bolsillo, Cidade do México. Na parte de cima da figura estão representados os espaços classificados como remanescentes urbanos (localizados entre edifícios), nessa classificação se encontram as seguintes tipologias: contido em dois muros, aberto e contido em três muros. A parte inferior está ilustrando os espaços classificados como remanescentes viários, nessa classificação estão incorporadas as seguintes tipologias: orelha/agulha, ilha e rotatória ou península. Fonte: SEDUVI, 2013.

Os projetos de “Parques de Bolsillo” tem uma característica em comum a forte presença de uma paginação ou desenho de piso, essa característica confere ao espaço uma identidade forte e convidativa ao usuário. O mobiliário implantado não é muito complexo, se mantendo em formas puras e geralmente de materiais como o concreto, aço e madeira. Em alguns projetos a característica principal é a vegetação, com espécies vegetais de pequeno e médio porte, os canteiros são geralmente implantados para delimitar espaços de convivência e de circulação. O projeto também está relacionado a modais de circulação ditos como “limpos” (privilegiando o ciclista e o pedestre), com paraciclos implantados em alguns PPBs principalmente em áreas centrais da cidade.

Em geral os projetos para esses pequenos espaços são simples e com a cartilha elaborada pelo governo, apresenta uma fácil implantação. Os espaços projetados tem grande adesão por parte da sociedade cumprindo assim seu objetivo principal. As críticas feitas por parte da sociedade do México é que os espaços não contemplam nenhuma área verde dentro desses espaços, apenas canteiros com vegetação de pequeno porte, para possível solução desse problema, em conjunto com a implantação dos PPBs poderia ser criado um programa de arborização das ruas adjacentes.



Figura 26 – Parque Público de Bolsillo Coyoacán, Cidade do México. Fonte: Photobucket, sem data.



Figura 27 – Parque Público de Bolsillo Zócalo Central, Cidade do México. Fonte: El Respetable DF, 2013.

5.2. ESTUDO DE CORRELATO 02 – CASCADE P-PATCH

Nome: Cascade P-Patch

Localização: Seattle, Estados Unidos

Área: 780 m²

Projeto: Prefeitura da cidade de Seattle e Programa P-Patch

Seattle é a maior cidade do estado americano de Washington, sede do Condado de King. A sua área é de 369,2 km², sua região metropolitana, possui cerca de 3,76 milhões de habitantes. Seattle é um grande centro financeiro, comercial, industrial e turístico, sendo considerada uma cidade global (ESTADOS UNIDOS BRASIL, sem data).

As características do desenho urbano da cidade estão fortemente vinculadas à sua topografia. Cercada por rios, o oceano Pacífico e áreas de mata preservada, Seattle é também conhecida por suas iniciativas inovadoras com relação ao meio ambiente, hoje em dia a cidade conta com um consistente sistema de áreas verdes e sistema de drenagem alternativo, os chamados “rain gardens” (AKINAGA, 2014).



Figura 28 – Vista aérea da cidade de Seattle, Estados Unidos. Fonte: In língua vancouver, 2012.

Os jardins comunitários fazem parte da paisagem da cidade desde a década de 1970 (O Programa “P-Patch” pode ser considerado precursor nesse cenário pois é datado desde 1973, quando era conhecido como “Neighbors in Need”), devido suas terras férteis a cidade conservou alguns jardins comunitários em conflito com o processo de urbanização do século XX que avançava com a substituição dessas terras por usos industriais, residenciais e comerciais (AKINAGA, 2014).

Atualmente os jardins comunitários são mantidos pela própria comunidade local, que em parceria com o programa “P-Patch” são mantidos através de parcerias público/privadas e administrados pelo próprio programa, que atualmente gerencia cerca 67 jardins espalhados pela cidade. O Cascade P-Patch é um jardim comunitário localizado ao lado do parque de mesmo nome na área central de Seattle. O terreno pertence ao Departamento de Parques e Recreação da Prefeitura, inaugurado em 1996 possui cerca de 780 m², com 57 canteiros para plantio (AKINAGA, 2014).

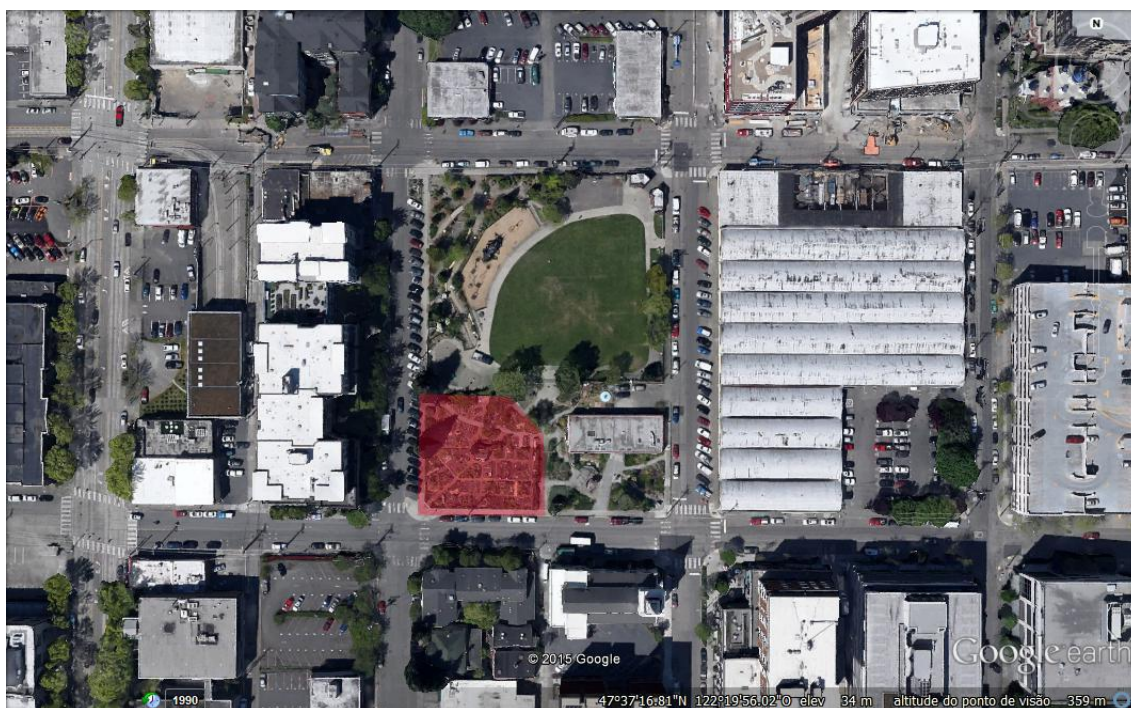


Figura 29 – Vista aérea com destaque ao Cascade P-Patch Seattle, Estados Unidos. Fonte: Google Earth, 1990.

O jardim tem como premissa a forte presença da comunidade, são seus usuários que transformam a paisagem. Tratando-se de uma horta comunitária o jardim comunitário tem diretrizes de sustentabilidade ambiental na produção de alimentos, algumas infraestruturas com esse caráter estão presentes nesse espaço como: aproveitamento de água das edificações vizinhas para irrigação dos canteiros e produção de adubo através de “tambores” com compostagem. Essas iniciativas de sustentabilidade também tem um caráter educativo, próximo das áreas anteriormente descritas existem painéis de informação de cunho educativo (AKINAGA, 2014).



Figura 30 – Vista aérea do Cascade P-Patch Seattle, Estados Unidos. Fonte: Seattle Daily Journal of Commerce, 2010.

O Cascade P-Patch cumpre seus objetos de elemento de integração com a sociedade, através de um partido muito baseado na interação da sociedade no espaço ele fica restrito a um projeto simples e voltado para a produção de alimentos. Os equipamentos implantados no jardim comunitário são basicamente de apoio técnico ao plantio, sem nenhum desenho elaborado

desses equipamentos e mobiliário, mantendo uma aparência de simplicidade e de lugar de constante transformação, já que o foco do jardim é os canteiros que mudam constantemente (conforme a estação do ano e espécie de plantio) a paisagem do jardim comunitário.



Figura 31 – Cascade P-Patch vista dos canteiros de plantio e ao fundo o “tambore de compostagem”. Fonte: Cascade Community Garden, 2014.



Figura 32 – Cascade P-Patch vista do portal de entrada. Fonte: Y @ CASCADE PEOPLE'S CENTER , 2011.

5.3. ESTUDO DE CORRELATO 03 – PRAÇA DE BOLSO CICLISTA

Nome: Praça de Bolso do Ciclista

Localização: Curitiba, Brasil

Área: 128 m²

Projeto: IPPUC e Gabriel Gallarza

Embasada no contexto da mobilidade, a praça de bolso do ciclista, foi uma experiência urbana contemporânea em Curitiba, inaugurada em setembro de 2014 a praça é fortemente baseada no contexto do pocket park. A partir da apropriação de um terreno de propriedade da Prefeitura de Curitiba localizado no centro da cidade de Curitiba a praça foi criada a partir da iniciativa da ONG Ciclotguaçu (Associação dos Ciclistas do Alto Iguaçu) de revitalizar a área abandonada. O espaço procurava uma forte integração com a sociedade, abrindo o debate sobre espaço urbano contemporâneo (MOBILIZE, 2014).

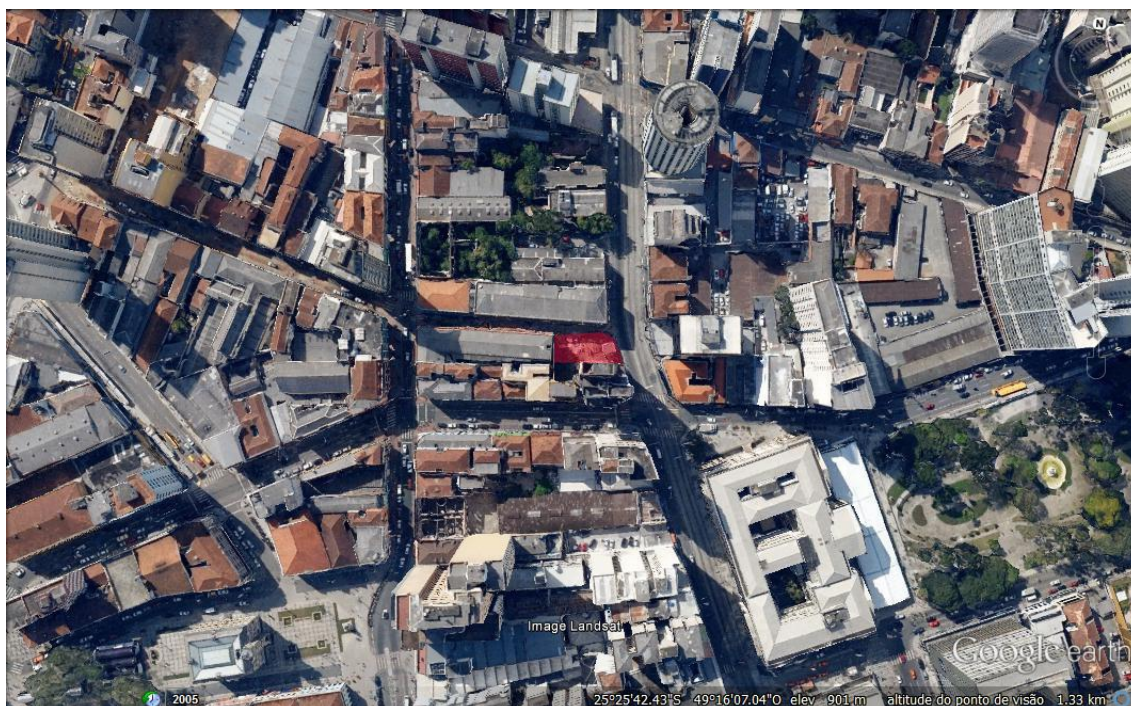


Figura 33 – Vista aérea, com destaque o local onde hoje se encontra a Praça de Bolso do Ciclista. Fonte: Google Earth, 2005.

A obra demorou 5 (cinco) meses para ser finalizada, hoje em dia a praça assume diferentes caráteres dependendo do dia, a praça no período matutino e vespertino assume um caráter de descanso e estar de maneira mais rotineira, salvo algumas atividades de encontro de um grupo específico de pessoas (como quando acontece shows, oficinas, feiras livres e aulas de yoga). No período da noite a praça principalmente nos finais de semana ganha ainda vida, localizada ao lado de uma das ruas mais frequentada por jovens (devido a presença de bares e lanchonetes) a Rua São Francisco (essa rua também conhecida como ponto de uso de drogas e apontada por alguns como “a cracolândia de Curitiba”) a praça ganha um caráter de convívio noturno, apresentando as vezes uma programação cultural também no período da noite.



Figura 34 – Foto do dia de inauguração da Praça de Bolso do Ciclista. Fonte: Perfil da Praça de Bolso do ciclista em rede social, 2014.



Figura 35 – Foto da feira de orgânicos na Praça de Bolso do Ciclista. Fonte: Perfil da Praça de Bolso do ciclista em rede social, 2015.



Figura 36 – Foto show na Praça de Bolso do Ciclista. Fonte: Perfil da Praça de Bolso do ciclista em rede social, 2014.

Apesar de ser um projeto simples (com seu desenho e mobiliário extremamente simplificados) a praça de bolso do ciclista mostra-se uma experiência urbana interessante em Curitiba, com uma participação popular considerável, ela integrou parte da comunidade local para sua concepção e construção. Hoje em dia a praça ainda recebe pequenas intervenções e se mantém ativa dentro da comunidade local, é uma prática q pode ser comparada ao que Jaime Lerner diz como “acupuntura urbana”.

5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos três casos correlatos revela diferentes posturas de enfrentamento do projeto de pequenos espaços livres públicos, para melhor compreensão da relação dos projetos e aspectos positivos para se considerar no desenvolvimento das diretrizes de projeto foi elaborada a tabela 01.

LOCAL	DESCRIÇÃO	PROGRAMA	PROJETO	ANÁLISE
MA DE PARQUES S DA CIDADE DO MÉXICO. (de Bolsillo)	Espaços considerados como “restos” de urbanização, foram transformados em espaços de convívio, com as características de estarem quase inteiramente impermeabilizados e seguirem um manual prático elaborado pelo poder público.	Variável de acordo com as opções expostas no manual, é levada em consideração principalmente sua configuração dentro do espaço urbano físico e sua “vocação”.	Projeto realizado por profissionais da área de Arquitetura em conjunto com a população local, tem como característica em comum a supervalorização do piso (sempre sendo destacado no projeto) e não se utiliza de áreas verdes significativas dentro do projeto.	Política fortemente vinculada com a população dos equipamentos mobiliários simples de manutenção. São com uma diferença de um do outro, mas muito bem quando dentro do sistema livres públicas.
E P-PATCH, E, ESTADOS (comunitário)	Espaços remanescentes ou resistentes do processo de urbanização, com predomínio do verde, são supervisionados por um programa que elaborou diretrizes voltadas principalmente para sua manutenção.	Não existe um programa fixo, mas busca-se um espaço que possa comportar não só hortas comunitárias (o foco dos jardins), mas também equipamentos voltados para a sustentabilidade do local, grande incentivo a educação ambiental.	O mais básico possível, ele é pré-elaborado pela prefeitura, porém os espaços de canteiros são totalmente de responsabilidade de seu “dono”, sendo assim o projeto varia conforme os canteiros, o que se apresenta é um projeto que privilegia as bordas do terreno para se tornar o mais “atraente possível”.	É o projeto de participação comunitária que configura com superativos, não tratamento excludente simples. Não apresenta linguagem forte de submissão à participação e por vezes de
DE BOLSO A, CURITIBA,	De modo geral não apresenta nenhum aspecto natural de relevância, arte urbana presente no local, bom aproveitamento da topografia e memória do local.	Programa simples que busca incentivar a cultura no local com a presença de um palco, áreas para sentar, arte urbana, paraciclos e possibilidade para “cinema urbano”.	Projeto de parceria de ONG com a Prefeitura, tinha como objetivo transformar um espaço subutilizado em um local que promova a cultura, arte e convívio social.	A praça foi uma intervenção dentro de Curitiba, pioneira nesse tipo de intervenção na cidade que é possível uma intervenção coletiva de um espaço de transformação da cidade se a valorização e o resgate de uma área no centro da cidade da cultura n

– Comparação dos casos correlatos. Fonte: o Autor, 2015.

6 APLICAÇÃO PRÁTICA

Após análise da leitura da realidade em conjunto com a conceituação teórica, foi realizada uma pesquisa voltada a identificar possíveis terrenos com maior potencial paisagístico para elaboração do futuro Projeto Final de Graduação. Foram identificados 33 terrenos de uso público com potencial para implantação do sistema de jardins comunitários, em um cenário otimista a utilização de todos eles, com suas funções definidas pela sua conformação espacial e vocação, resultaria em um sistema de espaços livres públicos de grande participação populacional e resolveria as carências de espaço em toda a extensão da Regional Boqueirão.

Os critérios de escolha foram:

- Terrenos já pertencentes ao poder público.
- Com dimensão de até 3.000 m².
- Terrenos com suas funções subutilizadas.
- Com possibilidade de grande interação com o sistema a ser elaborado de espaços livres públicos na Regional Boqueirão.

Foram escolhidos 5 terrenos, dentre os 33 levantados, que apresentam maior atendimento aos critérios escolhidos e em áreas de maior domínio de conhecimento pessoal. Eles serão detalhados observando seu entorno com os seguintes critérios: Tipo predominante de ocupação; potencialidade de se integrar com o sistema de espaço livre público; reconhecimento de possível comunidade que o espaço atenderia; vocação para uma ou mais funções.

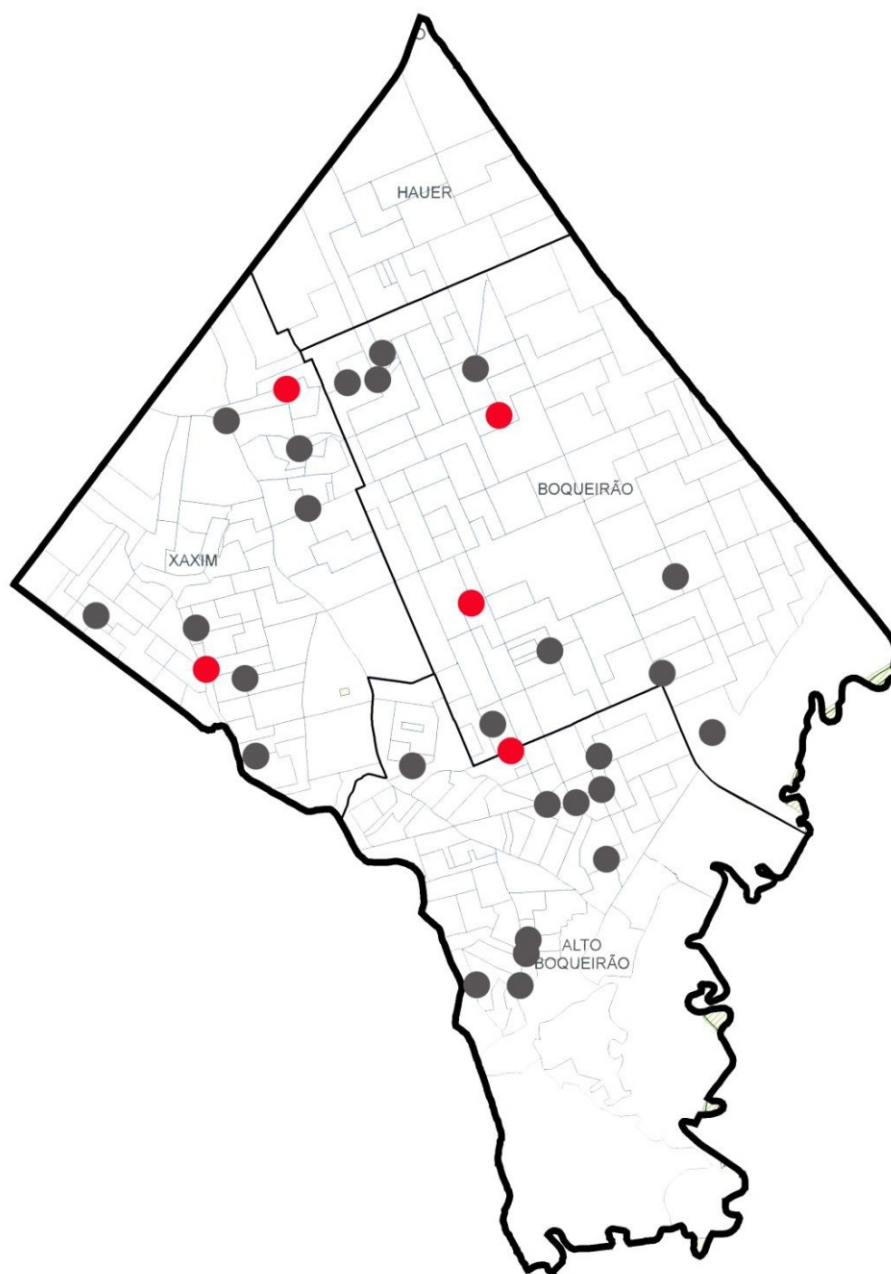


Figura 37 – Mapa de Áreas Possíveis para Implantação dos Jardins Comunitários na Regional Boqueirão, em vermelhos os espaços escolhidos para análise individual. Fonte: o Autor, 2015. Base: IPPUC, 2014.

6.1. JARDINETE ZENILDA FANINI SCHIER

Seu entorno é característico por casas térreas e condomínios fechados com blocos de 4 (quatro) pavimentos; fortemente ligado ao sistema viário; não apresenta nenhum de seus lados com muros, se configurando como um espaço aberto; existe no local dois equipamentos de significativa importância, um é uma pequena cancha de areia, e outro uma academia ao ar livre, ambos os equipamentos não se percebeu grande uso por parte da população; com área total de 2.977,2 m².



Figura 38 – Vista aérea do Jardimete Zenilda Fanini Schier. Fonte: Google Earth, 2006.



Figura 39 – Fotos do Jardimete Zenilda Fanini Schier. Fonte: o Autor, 2015.

6.2. JARDINETE TEN. MANUEL GOMES DE BRITTO

Seu entorno é predominantemente de casas térreas, é importante destacar a presença de 4 (quatro) centros de ensino e a presença do Setor da Rua Marechal Floriano Peixoto; sua posição no meio da quadra é interessante pois cria uma sensação de surpresa ao adentrar na quadra, essa experiência seria interessante de trazer para o sistema de espaços livres públicos como uma proposta diferenciada de percepção do espaço; percebe-se que a comunidade é ativa, em ambos os espaços existe uma forte presença da arte urbana nos muros que rodeiam as áreas; Os equipamentos da área são muito simples sendo eles um playground (de mobiliário bem precário) e uma pequena cancha de areia para vôlei, esses equipamentos são usados com mais frequência do que o caso anterior; sua área é aproximadamente de 2.190 m² (cada jardimete).



Figura 40 – Vista aérea do Jardimete Ten. Manuel Gomes De Britto. Fonte: Google Earth, 2004.



Figura 41 – Fotos do Jardimete Ten. Manuel Gomes De Britto. Fonte: o Autor, 2015.

6.3. CONJUNTO DE JARDINETES CEL. BENOT P. CIDREIRA, DR. LUISNEI R. DA SILVA E PRAÇA JOSÉ ARAÚJO FILHO

Esse conjunto apresenta uma configuração diferente de no canto da quadra com apenas um muro em sua lateral; em seu entorno predomina os sobrados e casas térreas, também estão presentes o Clube dos Subtenentes e Sargentos do Exército, a Zona Militar (Quartel do Boqueirão) e o Cemitério do Boqueirão; tem grande potencialidade de integração com o sistema visto que esse se encontra próximo de uma das ruas de maior movimento na regional a Paulo Setúbal; esses jardinetes encontram-se próximos à Praça da Colonização Menonita, importante centro da comunidade Menonita e da regional; a área apresenta um mobiliário voltado à recreação, porem ele está muito velho e tem design muito simplificado, não convidativo ao uso; sua área é de 1.151 m² cada jardinete.



Figura 42 – Vista aérea do Conjunto de Jardinetes Cel. Benot P. Cidreira, Dr. Luisnei R. da Silva e Praça José Araújo Filho. Fonte: Google Earth, 2004.



Figura 43 – Fotos do Conjunto de Jardinetes Cel. Benot P. Cidreira, Dr. Luisnei R. da Silva e Praça José Araújo Filho. Fonte: o Autor, 2015.

6.4. JARDINETE SEM NOME 01

Seu entorno é predominante de casas térreas, vale destacar a presença de uma escola exatamente ao seu lado e também a presença do rio Ribeirão dos Padilhas; o jardinete tem dois muros fechando dois lados; tem potencial para a integração do sistema pois pode-se relacionar com as funções de proteção e educação; não foi percebido nenhum tipo de comunidade ao seu redor; o jardinete está abandonado sem nenhum equipamento em uso no momento; sua área é de 2.522 m².



Figura 44 – Vista aérea do Jardinete. Fonte: Google Earth, 2005.



Figura 45 – Fotos do Jardimete. Fonte: o Autor, 2015.

6.5 JARDINETE SEM NOME 02

Se caracteriza por ser um elemento extremamente linear, possui 4 acessos para o jardimete, e também apresenta um comércio em uma de suas laterais de acesso direto ao local; Sua integração com o sistema pode ser facilitada por estar conectados a uma das ruas de maior tráfego da regional a rua Maestro Carlos Frank; local difícil de se ter uma percepção de comunidade visto que é predominante a presença de condomínios fechados; o local contém equipamentos de recreação que não soa convidativo ao uso; sua área é de 1.998 m².



Figura 46 – Vista aérea do Jardimete. Fonte: Google Earth, 2004.



Figura 47 – Fotos do Jardimete. Fonte: o Autor, 2015.

7. DIRETRIZES DE PROJETO

O presente capítulo pretende concluir os temas e discussões apontadas nas fases de conceituação teórica e leitura da realidade, apresentando diretrizes que nortearão os futuros: plano de sistema de espaço livre público e jardins comunitários na Regional Boqueirão.

7.1. DIRETRIZES PARA DESENVOLVIMENTO DE UM SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS NA REGIONAL BOQUEIRÃO

Levando em consideração os apontamentos feitos a respeito de uma visão sistemática dos espaços livres públicos na conceituação teórica foram delimitadas as seguintes diretrizes:

- Elaborar uma hierarquização de espaços livres públicos levando em consideração principalmente sua escala de abrangência.
- Elaborar um sistema de espaços livres públicos que privilegiem as seguintes funções: espaços educativos (em parceria com escolas); espaços de esporte e lazer; espaços voltados para recreação; espaços identificados como de proteção (com o objetivo de proteger os recursos ambientais existentes e também recuperar os degradados).
- Integrar o sistema de espaços livres públicos as demais dinâmicas da cidade, com o foco da interação com a mobilidade.
- Promover um subsistema de pequenos espaços livres públicos com diferentes funções de atendimento a comunidade.
- Reintegrar os espaços esquecidos pela sociedade e poder público no novo sistema de espaços livres públicos.
- Aumentar as áreas verdes, através de um plano de arborização em conjunto com o de implementação ou reestruturação dos espaços livres públicos.

- Discutir em conjunto com a população a elaboração do sistema de espaços livres públicos, elaborando uma lista de espaços com maior prioridade de implementação do sistema.
- Contribuir com o desenvolvimento do convívio social, formando assim a ideia de comunidades, a partir da noção de promover os espaços de encontros.
- Contribuir para a melhoria da paisagem urbana.

7.2. DIRETRIZES PARA JARDINS COMUNITÁRIOS

Com base principalmente no Programa de Parques Públicos da Cidade do México, México, essas diretrizes seguem como padrão principal de implementação dos jardins comunitários a análise de perfil urbano dos pequenos espaços livres públicos e sua vocação para abrigar uma ou mais funções estipuladas pelo sistema.

- Expandir-se no sistema de espaços livres públicos, não ficando confinado a penas seu território, mas principalmente promover uma ligação com os demais espaços do sistema.
- Cumprir sua função pré-estabelecida de sistema de espaço livre público.
- Ocupar os espaços livres ociosos existentes.
- Acolher grupos sociais de diferentes tipos, a partir de peculiaridades no projeto, generalidades de usos e acesso universal.
- Equipar os jardins comunitários com equipamentos e mobiliário que acolham e promovam a sociabilidade.
- Promover o jardim comunitário como foco e centro de convergência de uma comunidade local.
- Criar a partir desses espaços uma ideia de comunidade local.
- Organizar reuniões que viabilizem a elaboração, construção e manutenção dos jardins comunitários.
- Discutir com a comunidade a melhor função para os jardins comunitários.

7.3. PROGRAMA DE NECESSIDADES PRELIMINAR VOLTADO AOS JARDINS COMUNITÁRIOS

Os tópicos a seguir são baseados na análise dos pontos fortes dos casos correlatos e também, com base nos estudo de Whyte (1980). Foram elaborados tópicos de principal interesse onde serão especificados as sugestões para os jardins comunitários, deve se ressaltar que este é um estudo preliminar, o programa de necessidades será elaborado na fase de projeto (etapa seguinte a esse trabalho).

- Pisos: Implantação de um piso adequado para acessibilidade e fluxo intenso de pessoas, assim como garantir que resista a elementos naturais. O piso também pode ser crucial para a leitura do projeto, sendo assim é possível a implantação de uma desenho nele.
- Mobiliário: Seguindo a linha de um design simples e sem muita variação de matérias, que converse harmonicamente com os demais materiais e elementos do projeto e que seja acessível a todos os usuários.
- Elementos Naturais: Por meio de uma vegetação, uso de elementos como água, promover um ambiente sustentável e de valor estético.
- Iluminação: Através de um sistema de iluminação promover que o espaço tenha vida noturna e traga o sentimento de segurança.
- Acessos: amplos e de fácil visualização, a delimitação dos acessos também pode vir vinculado com a questão da segurança, controlando ele se assim percebida a necessidade.
- Elementos alternativos: elementos relacionados as artes, e promoção da cultura devem ser incentivados, elementos que contribuam com a noção de identidade da comunidade também devem fazer parte do espaço.

8. CONCLUSÃO

O futuro processo de projeto será baseado nos conteúdos aqui idealizados e apresentados, principalmente nas diretrizes definidas no capítulo anterior. O foco é escolher um número de terrenos que satisfaça a ideia do sistema de transmitir as funções de educação, esporte/lazer, recreação e proteção, e busque um certo grau de participação popular, através da escolha do terreno terá inicio a aplicação das diretrizes que serão norteadoras na concepção do projeto e definição do programa de necessidades futuro.

9. BIBLIOGRAFIA

AKINAGA, P. H. Urbanismo ecológico, do princípio à ação: o caso de Itaquera, São Paulo, SP. Tese (Doutorado – Área de Concentração: Paisagem e Ambiente) – FAUUSP, São Paulo, SP.

ALEX, S. Projeto da Praça: convívio e exclusão no espaço público. 2.ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

ALVES, T. Paisagem – Em busca do Lugar perdido. In Finisterra, XXXVI, 72, 2001, pp.67-74.

ATENISTAS. Disponível em: <<http://atenistas.org/>>. Acesso em: 13/06/2015.

CASTELLS, M. A questão Urbana – Tradução de Arlete Caetano. Coleção Pensamento Crítico – Vol. 48. Editora Paz e Terra, 1975.

GOMES, C. M. B.; CHIESA, P. Sistema de Espaços Livres em Curitiba: Tradição, Posturas e Práticas Locais. In: KAHTOUNI, M.M.M.; TOMINAGA, Y. (Org). Discutindo a Paisagem. São Carlos: RIMA, 2006. P. 143 – 170.

CHIESA, P.; BARNABÉ, P. M. M.; ROSANELI, A. F.; GOMES, C. J. M. B.; O sistema de espaços livres e a paisagem urbana em Curitiba – PR. In: (Org.) Quadro dos Sistemas de Espaços Livres nas cidades brasileiras. São Paulo: FAUUSP, 2012.

CIUDAD DE MÉXICO. Disponível em: <<http://www.df.gob.mx/>>. Acesso em : 20/06/2015.

CURITIBA, Lei Municipal número 9.804/2000. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/legislacao-smma/347>>. Acesso em: 18/06/2015.

DIMITRIADI, D. Lack of Green Spaces? Pocket Parks are the Solution. 2013. Disponível em: <<http://www.globalsiteplans.com/environmental-design/lack-of-green-spaces-pocket-parks-are-the-solution/>>. Acesso em: 10/06/2015.

WALL, E. ; WATERMAN, T. Fundamentos de Paisagismo 01, Desenho Urbano. Editora bookman, Porto Alegre, 2012.

ESTADOS UNIDOS BRASIL. Disponível em: <<http://estadosunidosbrasil.com.br/cidades/seattle/>>. Acesso em 06/06/2015.

FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/americanonorte/mexico-cidade_do_mexico.shtml>. Acesso em 06/06/2015.

GALENDER, F. A ideia de sistema de espaços livres públicos na ação de paisagistas pioneiros na América Latina, In: Paisagem em Debate – revista eletrônica da área Paisagem e Ambiente, São Paulo: FAUUSP, n.3, 2005.

HERTZBERGER, H. Lições de arquitetura - tradução Carlos Eduardo Lima Machado. 2. Ed 2006. São Paulo : Martins Fontes, 1999.

HULSMAYER, A. F. A cidade através dos seus espaços livres: estrutura, configuração e fragmentação – um estudo de caso em Umuarama- PR. Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo. 2014.

IPPUC. BQ - A CIDADE QUE QUEREMOS, 2014 (arquivo Obtido no próprio Instituto em: 12/06/2015)

IPPUC. Regional Boqueirão, 2006 (arquivo Obtido no próprio Instituto em: 12/06/2015)

LAWSON, L. J. City Bountiful, a Century of Community in America, Berkeley: University of California Press, 2005.

LOMBARDI, C. Revitalização Paisagística do Bosque Marechal Cândido Rondon – Londrina/PR. Trabalho de Graduação (Arquitetura & Urbanismo) - Setor de Tecnologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

MAACK, R. Geografia Física do Estado do Paraná. Curitiba: Clichês, 1968.

MAGNOLI, M. M. E. M. Espaço Livre – Objeto de Trabalho. Paisagem e Ambiente: ensaios. São Paulo, n.21, p. 175-198, 2006. Disponível em : <<http://www.revistas.usp.br>>. Acesso em: 10/05/2015.

_____. Em Busca de “outros” espaços livres de edificação. Paisagem e Ambiente: ensaios. São Paulo, n.21, p. 141-174, 2006. Disponível em : <<http://www.revistas.usp.br>>. Acesso em: 10/05/2015.

_____. O jardim na cidade é um fragmento de sonho. In: Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, 2, 1996, São Paulo. Anais de II ENEPEA. São Paulo: Unimarco Editora, p.13-18.

MARCUS, C. C. ; GREENE, N. H. Miniparks and Vest-Pocket Parks 3. Disponível em < <https://books.google.com.br/books?id=tFVLM-A5hEgC&pg=PA150&lpg=PA150&dq=Mini+Parks+and+Vest-Pocket+Parks+3> >. Acesso em 05/05/2015

MOBILIZE. Em Curitiba, ciclistas criam uma praça de bolso. Disponível em: <<http://www.mobilize.org.br>>. Acesso em: 15/05/2015

POCKET PARKS OF NY. Pocket parks often mis-labeled, 2011. Disponível em: <<http://www.pocketparksnyc.com/>>. Acesso em: 17/05/2015.

ROGER, A. Court traité du paysage. Ed. Gallimard, Paris, 1997.

SANDEVILLE JR, E. Paisagem. Publicado na revista Paisagem e Ambiente n.20, São Paulo: FAUUSP, 2005.

SECRETARIA DE DESARROLLO URBANO Y VIVIENDA (SEDUVI). Lineamientos para el diseño e implementación de Parques Públicos de Bolsillo. Cidade do México: gobierno del Distrito Federal, 2013. Disponível em: <<http://www.seduvi.df.gob.mx/>>. Acesso em: 20/06/2015.

TARDIN, R. Espaços livres: sistema e projeto territorial. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

WEISHOF, N. Pocket Park: um olhar sobre o vazio esquecido. Trabalho de Graduação (Arquitetura & Urbanismo) - Setor de Tecnologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

WHYTE, W. Social life of small urban spaces. Nova Iorque: Project for Public Spaces, 1980.

ZIRKL, F. Desenvolvimento Urbano de Curitiba (Brasil): cidade modelo ou uma exceção? ACTas latino-americanas de Varsóvia, Polônia, n.26, p.87-98, 2003.

ZOOM ARQUITETURA. Urbanismo, uso misto: Pracinha da Oscar Freire. Disponível em <<http://zoom.arq.br/>>. Acesso em: 20/06/2015.